



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Número Especial
com um relatório completo
das actividades da

CRISTO VEM...
PREPARA-TE!

1.ª Assembleia
da Associação
Portuguesa dos
Adventistas
do Sétimo Dia

Lisboa, 15 - 18 de Julho de 1976

SUMÁRIO

«Alegrei-me, quando me disseram: Vamos à casa do Senhor»

Primeira Assembleia da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

Quinta-feira, 15 — Sessão Inaugural

Sexta-feira, 16 — Culto Matinal — Estudo Bíblico — Conferência da Noite

Sábado, 17 — Serviços matinais no Salão Monumental — Culto Solene — Consagração Pastoral — Reunião Cultural M. V.

Domingo, 18 — Culto Matinal

Relatórios das Comissões Regulares da Assembleia

Factos e Números Apresentados pelo Presidente no seu Relatório à Assembleia

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA UNIÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

AGOSTO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 359

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

«Alegrei-me, quando me disseram: Vamos à casa do Senhor!»

Era, sempre, com renovado júbilo que o povo de Deus, no Antigo Testamento, ouvia os anúncios das três grandes festividades anuais, a que deviam assistir todos os adultos do sexo masculino.

O convite ecoava da montanha ao vale, reboando de quebrada em quebrada, e despertava, em todos os corações, renovados sentimentos de amor e gratidão.

Eram festas de piedade e de grande elevação espiritual, recordando a bondade e os benefícios que, durante todo o ano, haviam recebido das mãos de Deus.

Por isso, quando ainda de longe avistavam a cidade santa, Jerusalém, e, mais em pormenor, as cimeiras do Templo, os cânticos sucediam-se com entusiasmo, revestidos da expressão inspirada do salmista que bem traduzia a alegria que os piedosos crentes sentiam de visitar a casa do Senhor.

Também, agora, o povo do Advento, o novo Israel espiritual, igualmente rejubila quando se congrega para ouvir e meditar, mais demorada e profundamente, a palavra de Deus e para traçar novos planos destinados a abreviar a volta gloriosa de Jesus.

Foi com estes propósitos que — de acordo com os regulamentos estatutários — se realizaram as reuniões da Assembleia da nossa Associação, de 15 a 18 de Julho último.

As reuniões da Assembleia — salvante a do culto solene de sábado — tiveram lugar na Igreja Central que, ataviada de gala, se mostrou acanhada para receber os participantes.

Foram delegados honorários os Pastores E. Ludescher, Presidente da Divisão Euro-Africana; E. Amelung, Tesoureiro da mesma Divisão; S. Folkenberg, Director do Departamento da referida Divisão; E. Cupertino e J. Gomes, respectivamente Presidente e Secretário-Tesoureiro da União Sul-Europeia.

A abertura da Assembleia efectuou-se no dia 15, quinta-feira, às 20 horas.

Já a partir das dezoito horas se começou a sentir desusado movimento, fora e dentro do edifício da Igreja Central, na Rua Joaquim Bonifácio.

Os delegados receberam um **dossier** pessoal que incluía o dístico da própria identificação que deviam ostentar na lapela, o programa oficial e cópias dos relatórios dos vários departamentos.

Das nossas igrejas do Continente e das Ilhas vieram os delegados, tal como cantámos no sugestivo hino «**Aqui nos encontramos**»:

«Vimos do Norte, vimos do Sul,
De ilhas e montanhas nós chegámos,
De aldeias, vilas e cidades,
E como irmãos aqui no encontrámos!»

Efectivamente, todos os participantes — visitas, delegados e Irmãos na Fé — todos comungámos no mesmo ideal bem sintetizado no lema da Assembleia: «**CRISTO VEM! PREPARA-TE!**»

PRIMEIRA ASSEMBLEIA DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO 7.º DIA

Quinta-Feira, 15 de Julho, 20 h.

Sessão Inaugural

Por volta das dezanove e quarenta, já o vasto salão da Igreja Central estava quase repleto. Faltavam quinze minutos para as vinte horas, quando o Pastor Valter Miguel anunciou que chegara o momento de entoar o hino oficial da Assembleia: «BREVE JESUS VOLTARÁ». Todos cantaram com entusiasmo, proclamando com fé a inabalável certeza da «bem-aventurada esperança».

Na tribuna sentavam-se os Pastores A. Nunes, J. Dias; J. Gomes, S. Folkenberg, E. Amelung, E. Ludescher, E. Cupertino, A. Baião e F. Mendes.

Os serviços de coordenação da plataforma estiveram, sempre, a cargo do Pastor A. Nunes; os da música foram confiados ao Pastor V. Miguel.

A oração inicial foi proferida pelo Pastor J. Gomes, Secretário-Tesoureiro da União Sul-Europeia.

Usou, seguidamente, da palavra o Pastor A. Nunes, que principiou por dizer que éramos hóspedes da Igreja Central; por isso convidava o Pastor Mendes a pronunciar-se sobre o caso, uma vez que era o anfitrião, como pastor da mesma. O Pastor Mendes aproximou-se do microfone para anunciar, com um largo sorriso, que a Igreja Central se sentia sumamente honrada ao receber as visitas e delegados à Assembleia; estavam, portanto, à disposição da mesma Assembleia as instalações de que necessitasse para o bom, o melhor andamento dos trabalhos a realizar.

Seguiu-se o Pastor Baião, Presidente da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, dizendo:

«Agradeço a vossa presença, prezadas visitas e delegados, assim como agradeço à Igreja Central a cedência deste edifício. Seria meu desejo realizar esta Assembleia numa sala muito maior, mas não é fácil encontrá-la para ser ocupada durante todas as sessões que houvermos de realizar. Faremos o nosso culto solene do santo Dia de Sábado no grande salão do Monumental, ao Saldanha, pois aqui seria impossível acomodar todos os intervenientes. Agradeço ao Pastor Mendes não

Abertura da Sessão, no momento em que se cantava o hino oficial da Assembleia



só a cedência desta igreja para os trabalhos da Assembleia, como também o belo sorriso com que ele acompanhou a declaração de tal cedência.

Temos entre nós algumas visitas privilegiadas que vêm tomar parte, também, nos nossos trabalhos, e que vou apresentar pela ordem com que estão na tribuna: Juvenal Gomes, que foi pastor desta Igreja Central e daqui seguiu para Angola, vindo a desempenhar o cargo de Secretário-Tesoureiro da União Angolana; o Pastor Juvenal é, presentemente, o Secretário-Tesoureiro da União Sul-Europeia, com a sede em Roma. A seguir, temos o Pastor Folkenberg, Director do Departamento da Mordomia da Divisão Euro-Africana; trata-se de alguém de grande experiência adquirida em vários campos missionários de diferentes países. Segue-se o Pastor Cupertino, já nosso conhecido e que continua a tradição paterna, pois seu pai, o Pastor José Cupertino, visitou-nos, durante longos anos, como responsável pelos trabalhos da Escola Sabatina e da Organização Ministerial, na Divisão Sul-Europeia de então; presentemente, o

Pastor Cupertino, que aqui está conosco, é o Presidente da União Sul-Europeia, com a sede, como sabemos, em Roma. Temos, agora, a seguir, o Pastor Mendes, nosso anfitrião, que tem a seu cargo esta Igreja Central; o Pastor Dias, Secretário-Tesoureiro da nossa Associação; o Pastor Nunes, que veio de Moçambique, onde trabalhou vários anos e que, presentemente, tem a seu cargo a Igreja de Cascais; finalmente, o Pastor Miguel, que também trabalhou nesta Igreja Central, estando, actualmente, à frente da Igreja de Tomar.

Ao abrir, oficialmente, os trabalhos desta Assembleia, desejo, ardentemente, que o Senhor nos abençoe. Tenhamos sempre bem presente o lema da Assembleia: CRISTO VEM — PREPARA-TE. Quer queiramos quer não, Jesus virá. Temos grande número de autocolantes que devem ser profusa-

mente distribuídos e colocados nas lapelas, nos carros, nos eléctricos e autocarros, nos comboios, por toda a parte, pois estes autocolantes ostentam, precisamente, o nosso lema: «CRISTO VEM — PREPARA-TE».

Declaro, pois, oficialmente, aberta esta Assembleia da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.»

Aproximou-se, depois, do microfone o Pastor Dias que, na sua qualidade de Secretário da Associação, fez a chamada dos delegados; principiou por dizer que eram delegados de jure os membros presentes na tribuna pertencentes à Divisão Euro-Africana, à União Sul-Europeia, ao Conselho da Associação Portuguesa, os pastores na actividade; finalmente, por eleição das respectivas igrejas locais, os delegados das mesmas.

Feita a chamada de todos os delegados «de jure» e por eleição, o Pastor Dias propôs que a Assembleia aceitasse os delegados de duas novas igrejas criadas durante o último biénio: a de Salvaterra de Magos e a de

Matosinhos; propunha, também, que fossem aceites como delegados os obreiros que trabalham nas escolas; finalmente, propôs que fossem também aceites como delegados os pastores aposentados: M. Viegas, representando o passado; M. Lourinho e M. Leal, como ajudando no trabalho das suas igrejas locais.

A Assembleia ratificou todas estas propostas apresentadas pelo Pastor Dias.

Tomou, depois, a palavra o Pastor Cupertino para anunciar que ia ser nomeada a Comissão Preparatória, a qual começaria imediatamente a trabalhar. O Pastor Dias indicou, então, os membros desta Comissão que iria principiar os seus trabalhos sob a presidência do Pastor Cupertino.

O Pastor Baião aproxima-se do microfone e apresenta o seu relatório, que se publica parcialmente na última página desta revista.

Após a apresentação do Relatório do Presidente da Associação Portuguesa, Pastor Baião, o Coro da Igreja de Lisboa, sob a direcção do quartanista de Medicina, Miguel Baião, cantou o hino «Aleluia», que abre com um delicado uníssono, prosseguindo num animado diálogo polifónico dos vários naipes.

Aproxima-se, seguidamente, do microfone o orador da noite, Pastor E. Ludescher, Presidente da Divisão Euro-Africana, para proferir a sua mensagem espiritual. É traduzido pelo Pastor Baião.

Mensagem do Pastor Ludescher

«Caros Delegados, Irmãos e Amigos do Povo Adventista — principia o orador —, é um momento solene o que está vivendo a Associação Portuguesa. Quero expressar-vos a minha alegria e a minha satisfação de podermos louvar, conjuntamente, o Senhor. Fiquei impressionado com o relatório apresentado pelo Pastor Baião referente aos últimos três anos de actividades; apreciei a obra realizada nos diferentes ramos. Viemos aqui para adorar o Senhor, dar-Lhe glória e render-Lhe graças por tudo quanto se fez. Quero também felicitar os organizadores da

O Pastor Baião apresenta à Assembleia o relatório da sua presidência durante os últimos três anos



Assembleia pela escolha do lema: CRISTO VEM. PREPARATE!» Cita, seguidamente, II Pedro 3:14, 15 e acrescenta que o nosso coração se aperta ao contemplarmos o mal que vai alastrando tão assustadoramente pelo mundo, encontrando, porém, um verdadeiro bálsamo na promessa da Volta de Jesus. «A Irmã White, nos 'Testemunhos para a Igreja 2, p. 21' — acrescenta — diz que lhe foi mostrado que não devemos esquecer a realidade do fim; por isso devemos preparar-nos para enfrentar o que há-de vir e estar sempre prontos para a Volta do Senhor; a nossa atenção não se deve fixar no mundo, pois assim correremos o risco de perder de vista a Vinda de Jesus.» Acrescentou que a nossa obra deve corresponder à nossa fé e que o encontro com Jesus Cristo requer preparação. Lê então Amós 4:12, dando singular ênfase à exclamação do profeta: «... prepara-te ó Israel, para te encontrares com o teu Deus». Prossegue o orador: «Eis a grande mensagem de Deus através dos tempos: 'Prepara-te para te encontrares com o teu Deus'. Esta mesma mensagem é-nos hoje dirigida. A cada um de nós, individualmente, Deus diz: 'Prepara-te para vires ao Meu encontro'. Assim tem sucedido no decorrer dos séculos. No Sinai, Deus dirige-Se ao Seu povo através de Moisés, dando-lhe instruções.

Em Êxodo 19:12 e seguintes, Deus dá as instruções necessárias que o povo e os sacerdotes deviam guardar.

Quando o povo e os sacerdotes se devessem encontrar com Deus, tinham de fazer a devida preparação.

Na primeira vinda de Jesus, aparece João Baptista com a sua mensagem para que o povo se preparasse para receber o Cordeiro de Deus. Em Mateus 3:3 o Baptista clama: «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas». E no versículo 7 encontram-se as invectivas contra os fariseus, essa raça de víboras! «Preparai-vos, aplanai o caminho» — é o apelo de Deus, antes da primeira Vinda de Cristo. Lemos em Obreiros Evangélicos, pág. 51, que João Baptista, na sua vida no deserto, foi ensinado por Deus. Estudou as revelações de Deus, na Natureza. Sob a guia do Espírito divino, estudou os rolos dos profetas. Dia e noite, Cristo era o seu estudo, a sua meditação, até que o espírito, alma e coração ficaram cheios da gloriosa visão. Contemplou o Rei na sua beleza e perdeu de vista o próprio eu. Era a mensagem de Deus que ele devia proclamar. Estava disposto a ir como mensageiro do Céu, inabalável ante as coisas humanas, pois contemplara o Divino. Assustadora e severa e, contudo cheia de esperança era a sua voz ouvida no deserto: «Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus». Com novo e estranho poder ele movia o povo. Toda a nação foi abalada. Multidões acorriam ao deserto. Assim o Baptista se preparou para se encontrar com Cristo.

Mas, prezados Irmãos, como é que nós nos estamos preparando para nos encontrarmos com Cristo? Para onde se dirige a nossa atenção, para onde se encaminham as nossas aspirações espirituais? De que é que está cheio o nosso coração? O Baptista esvaziara-se de si mesmo para dar entrada plena a Jesus. E nós, que é que fazemos? João Baptista, cheio de Cristo, deu grande testemunho do Cordeiro de Deus.

Também os Apóstolos só puderam dar testemunho de Jesus, quando, esvaziando-se a si mesmos, foram cheios do Espírito Santo. Lemos em Actos 1:8 «Recebereis a virtude do Espírito Santo que há-de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra». Era a promessa do encontro com o Espírito Santo. Jesus convidava os Seus discípulos a prepararem-se para se encontrarem com o Espírito Santo.



Momentos de oração e recolhimento após a mensagem do Pastor Ludescher. Em primeiro plano alguns obreiros da Associação

De facto, os discípulos tomaram este convite a peito e, assim, subiram ao Cenáculo, foram a Jerusalém, ao Monte das Oliveiras, convencidos de que necessitavam de receber este poder do Alto. Notemos, porém, que cada um deles, individualmente, se preparou. Era, efectivamente, uma preparação individual. Lemos no capítulo 2:1 do mesmo livro de Actos: «E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar»; prepararam-se para receber o poder do Alto.

E nós, como povo adventista que temos esperança no coração, como é que olhamos para o dia da volta de Jesus? Sabemos — o lema desta Assembleia bem no-lo recorda — que CRISTO VEM e, por isso nos devemos PREPARAR. Recordemos II Pedro 3:14: «Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz». Estamos nós, verdadeiramente, aguardando a Vinda de Jesus? É a nossa vida uma vida realçada por Cristo, pela expectativa da Vinda de Cristo?

Sabemos que um pouco antes da Volta de Cristo, uma obra semelhante à do Baptista deve ter lugar entre o povo de Deus. Ora esta obra implica, como consequência da preparação, um arrependimento, tal como o Baptista advertira: «Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos Céus». O arrependimento que nos diz respeito é já o caminho para o encontro com o arrependimento? O chamado de Deus para com Ele nos encontrarmos está patente neste lugar, ao tomarmos parte como povo adventista nesta Assembleia. Só assim, preparados e arrependidos, estaremos aptos a receber as bênçãos que o Senhor nos tem reservado. Em geral temos a tendência para modificar as estruturas, o aspecto exterior da Igreja. Várias vezes me têm chegado indicações de que é necessário modificar isto ou aquilo, coisas unicamente exteriores, de cor ou de forma. É verdade que é necessária uma modificação, mas não é de simples estrutura externa da Igreja. Temos a tendência para modificar o que não é necessário. É necessário, sim, modificar, mas o que é interior, modificar o nosso coração, a nossa vida; é por aí que as modificações devem principiar. A Irmã White em

«Mensagens Escolhidas» fala do despertamento e da reforma. Temos, inevitavelmente, necessidade de um reavivamento, reavivamento este que se deve dar, no coração, na família, na Igreja. Ora tal reavivamento só se pode dar mediante o Espírito Santo, pois só Ele pode comunicar o poder eficaz. Reavivamento e reforma: eis duas coisas que têm de caminhar juntas, rumo à modificação das ideias, dos hábitos e da vida prática. Reavivamento e reforma devem realizar-se harmonicamente.

Há que começar por um reavivamento e não por uma reforma; não é necessário modificar o exterior, mas sim o interior dos nossos corações, e então a reforma virá automaticamente. Não queiramos modificar as coisas antes de nos reavivarmos. É como se uma pessoa tivesse um carro com o motor avariado; não interessa pintá-lo de novo, tirar-lhe as amolgadelas, pôr-lhe extras; a única coisa que há a fazer é reparar o motor ou pôr-lhe um novo. Ora isto mesmo acontece na nossa vida espiritual. Antes de emprendermos uma reforma, temos de nos reavivar: nova vitalidade, um novo espírito de poder concedido pelo Espírito Santo.

É certo que o reavivamento e a reforma são de carácter individual; mas também apresentam aspectos colectivos. Efectivamente a preparação para a Volta de Jesus apresenta o mesmo aspecto já sublinhado pelo profeta Joel, quando proclama: «Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus» (2:13). Também, anteriormente, Deus dissera ao seu povo, por intermédio de Moisés, que se santificassem e que lavassem os seus vestidos e que não se aproximassem do monte, pois certamente morreriam (Êxodo 19:10, 20). Os crentes reavivados e transformados constituirão a Igreja reavivada e transformada.

Mas temos de salientar que a preparação para o encontro com Deus é individual. Por ocasião do Pentecostes, lemos que «subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André e os outros e que as línguas de fogo foram repartidas sobre cada um deles.»

Tudo o que diz respeito à primeira vinda de Jesus se verificará, também, com respeito à Sua Segunda Vinda.



O Pastor Ludescher, dirige a sua mensagem, exortando à preparação

A cada um de nós Deus diz: «Prepara-te para te encontrares com o teu Deus». A salvação é individual, pessoal. As dez virgens da parábola tinham cada uma delas a sua lâmpada e prepararam-se para sair ao encontro do esposo; cada uma delas devia ter o azeite suficiente para a própria lâmpada. Quando o esposo chegou, aconteceu um caso trágico: cinco delas não tinham azeite; fechou-se-lhes a porta. E nós? Temos a nossa lâmpada acesa e dispomos do azeite necessário para a manter acesa? O facto de eu pertencer à Igreja não me dá a garantia de que me salve. O verdadeiro despertamento da Igreja tem de começar nos nossos corações, nas nossas famílias, na Igreja e depois no Mundo. Deixemos de apontar com o dedo para este ou para aquele irmão; apontemos, sim, para nós mesmos. Recordemos a mensagem à Igreja de Laodiceia, que representa o período do fim, do julgamento; a Testemunha fiel diz o que esta Igreja deve fazer para se encontrar com o seu Deus. Jactava-se esta Igreja de não ter necessidade de nada: — aqui temos a justiça própria. De modo algum nos poderemos encontrar com Deus, se persistirmos com as nossas justicas próprias. Deste modo, «não sabemos nada, somos uns desgraçados e miseráveis e pobres e cegos». O Senhor convida-nos a comprar d'Ele o ouro provado no fogo e vestidos brancos — a justiça de Jesus, que será a nossa.

Prezadas Irmãs e Irmãos! A nossa ignorância sobre o nosso estado espiritual deve levar-nos ao arrependimento para depois nos levar à humildade.

Desejamos nós encontrar-nos verdadeiramente com Cristo? Bem sabemos que Ele está aqui no meio de nós e que está batendo à porta do nosso



O coro da Igreja de Lisboa quando se preparava para cantar o «Aleluia» antes da mensagem de abertura

Sexta-Feira, 16 de Julho, 9 h.

Culto Matinal, pelo Pastor Amelung

O Pastor E. Graça dirigiu o período de cânticos, desde as 8.45 às 9 horas. Seguiu-se o Culto Matinal, a cargo do Pastor Amelung, traduzido pelo Dr. Sandoval.

O Pastor Amelung começou por chamar a atenção da assistência para II Reis 6:16, 17. «Este episódio é uma maravilhosa lição da História do povo de Israel. A História é toda uma grande lição e o episódio relatado no passo transcrito é para nós uma lição. Sabemos como o rei da Síria resolvera fazer guerra a Israel e foi pôr cerco à cidade de Dotan, precisamente com o objectivo de se apoderar do profeta Eliseu que, por revelação divina, conhecia os planos do monarca sírio. Parecia que a cidade estava perdida em consequência do apertado cerco que os sírios lhe haviam posto. Podemos calcular a agitação da cidade ao ter conhecimento de que estava sitiada. Também o moço do profeta Eliseu se levantou muito cedo para saber notícias e viu o grande número de cavalos e de carros com que os sírios cercavam a cidade; voltou apressadamente para junto de Eliseu exclamando: «Ai meu senhor! Que faremos? (versículo 15). E, decerto, não há saída possível desta cidade; vamos ser apanhados por este forte exército que nos vai destruir.» Era, pouco mais ou menos, a mesma situação em que se encontraram os Israelitas, quando saíram do Egipto e depararam com o Mar Vermelho, tendo atrás de si os exércitos de Faraó a persegui-los; a situação era angustiante: montanhas ao lado, o Mar

Vermelho à frente, os exércitos egípcios à retaguarda. Viam as dificuldades. Que faremos? — disseram então. Precisamente, a mesma pergunta de Geazi, o moço do profeta.

Pergunto, Irmãos! Não é isto mesmo que se passa, muitas vezes, nas nossas vidas, quando nos encontramos impotentes para resolver as dificuldades: desemprego, problemas sobre o futuro? Tantas pessoas desesperadas com os seus problemas; nós mesmos temos os nossos problemas: a saúde, uma questão com um irmão... Que faremos? E muitas vezes reagimos como Geazi: não temos solução para o nosso problema; não há escape para esta situação! Sem coragem e desanimados, talvez cheguemos até o ponto de condenar o próprio Deus!... Este é o espírito do mundo. O mundo nega Deus e luta contra Ele; não conta com Deus. Até chega a acusar Deus de responsável pela dificuldade em que o indivíduo se encontra! Infelizmente, até há cristãos que são levados a dizer o mesmo e a abandonar a sua vida espiritual, a fé e a confiança em Deus. Às vezes, também somos levados a abandonar as reuniões de culto na igreja e tudo o que diz respeito à nossa vida cristã anterior. Satanás é que fica a ganhar, quando lança os filhos de Deus em problemas que parecem insolúveis. Recordemos o que se passou com Job. Satanás pretende provar que a fidelidade de Job é apenas o resultado da sua prosperidade, pois diz claramente, dirigindo-se a Deus: «Estende a tua mão e toca-lhe

nele se estabeleça, tomando conta, plenamente, da nossa vida. Eis o principal; o resto é secundário.

Eu, por mim mesmo, desejo alcançar este objectivo e penso que todos os que aqui se encontram têm o mesmo desejo. Convido-vos, no início desta Assembleia, a dedicarmos alguns momentos à oração e pedirmos para começarmos de maneira séria e eficiente a preparar-nos para o encontro com o Senhor».

Seguiram-se algumas orações proferidas por vários irmãos e irmãs.

Ouviu-se, seguidamente, um solo executado pela jovem Ana Maria Echevarria, acompanhada ao piano pela jovem Denice Raymundo e ao órgão pela Obreira bíblica, Irmã D. Maria Augusta.

A oração de despedida foi feita pelo Pastor Nunes.

Devido ao adiantado da hora, a Comissão Preparatória não apresentou o seu relatório, como havia sido previamente planeado, reservando-se tal apresentação para o dia seguinte.



O Pastor Amelung falando durante o culto matinal, traduzido pelo Dr. Sandoval

em tudo quanto tem e verás se não blasfema de Ti na Tua face!» Satanás fica muito feliz quando isto acontece na vida de qualquer crente. Não vamos supor que tal atitude surge de repente. Não; há muitos passos que a precedem, que vêm antes disto, tais como o desânimo, a desilusão, a falta de paz e de caridade nos nossos corações. Infelizmente, tudo isto são passos que se encaminham até o ponto de sermos acusadores do mesmo Deus ou blasfemos. Tudo isto pode acontecer na vida de um cristão.

Vejamos o que se passou com um homem que Deus tinha chamado para Si, concedendo-lhe assinalados favores. Lemos em I Reis, 19:4 «E (Elias) foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro, e pediu em seu ânimo a morte, e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais». Este poderoso homem de Deus que sempre n'Ele tinha confiado, encontra-se agora desanimado, chegando ao ponto de querer abandonar a luta por causa da perseguição que lhe movia o rei de Israel. Voltemos ao caso de Geazi quando disse: «Que faremos?» Eliseu respondeu-lhe muito bem que mais eram os que estavam com eles, os filhos de Deus, do que os inimigos. Tal como Moisés respondeu junto do Mar Vermelho (Êxodo 14:13) aos Israelitas desanimados e murmuradores: «Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará, porque os egípcios que hoje vistes nunca mais vereis para sempre». Efectivamente, o povo atravessou o Mar Vermelho a salvo. E voltemos, agora, a Eliseu quando respondeu ao

coração. Amorosamente nos convida a cada um de nós: sê zeloso; arrepende-te. «Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei e ele comigo».

Ouvimos nós bater à porta do nosso coração? Que queremos nós fazer neste momento? Se estamos ouvindo Jesus bater à porta do nosso coração, que é que faremos?

É certo que nestes três dias que aqui vamos passar nesta Assembleia muitas coisas teremos de fazer: escolher os homens com responsabilidades no trabalho para os próximos três anos; organizar programas... tudo isto tem, decerto, importância. Mas não é o principal, o essencial; se viemos à Assembleia só por isto, falhámos estrondosamente no objectivo da mesma.

O objectivo número um a atingir nesta Assembleia é o de nos prepararmos para nos encontrarmos com o Salvador, o de fazer uma experiência com Ele, o de Lhe abriremos a porta do nosso coração para que entre e

apavorado moço: «são mais os que estão connosco do que com eles». Geazi não vira as coisas como elas eram. Nem vamos supor que Eliseu procurava acalmar o moço afirmando algo que não correspondia à verdade. No versículo 17 do mesmo capítulo 6 de II Reis, temos a oração de Eliseu: «Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço e viu: e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu». Como foi possível que Geazi visse agora os cavalos e carros de fogo? Geazi efectivamente pôde ver este exército defensor da cidade. Este episódio contém uma verdade: onde quer que nos encontremos, estamos rodeados por este poderoso exército de Deus. Recordemos os nossos irmãos perseguidos, em todos os tempos da História, e como foram protegidos por Deus. Embora a Igreja de Deus seja uma minoria nesta Terra, a verdade é que atrai, ela só, os olhares amorosos de Deus, como diz a Irmã White. É importante notar que o profeta via o exército de Deus, ao passo que o seu servo não via nada disso; necessitava de ter os olhos abertos de outra maneira para ver para lá da cortina humana. Deus não muda. Hoje e sempre tem o mesmo poder como nos dias de Eliseu. Dispõe de milhões e de milhões de anjos prontos a servi-l'O. Vemos o milagre de Deus. Eliseu venceu a batalha não com armas humanas, mas com a oração. Por isso devemos ter sempre connosco esta poderosa arma da oração. Nestes difíceis dias em que vivemos, não há nada mais importante do que ter os olhos bem abertos:

a) Sobre nós próprios, para conhecermos a nossa própria condição, afirm de que o Espírito Santo nos possa guiar na posição em que nos encontramos, de modo a sermos Seus instrumentos humildes.

b) Para vermos a palavra profética desenrolando-se e cumprindo-se. Cientistas e políticos procuram descobrir para onde se encaminha o Mundo; estão em trevas; mas os filhos de Deus sabem qual é o destino do Mundo, de acordo com a palavra profética.

Temos de pedir continuamente que o Senhor nos abra os nossos olhos para podermos ver os Seus milagres, para reconhecermos que não estamos sós ou desamparados neste mundo. Deus é o único Ser que pode resolver os nossos problemas.

Lembremos Marcos 11:23, 24, onde Jesus nos diz que tudo o que pedirmos, orando, crendo, o receberemos e teremos. Esta é a promessa que nos é feita. As montanhas dos nossos problemas podem, mediante a oração, ser lançadas ao mar.

Diz a Irmã White em «Testemunhos» v. 1, que viu que toda a oração que procede de um coração honesto, será ouvida. Não há uma única oração que se perca, quando proferida por um coração honesto, puro, sincero.

O Pastor Valter Miguel canta um solo após o culto do Pastor Amelung. É acompanhado ao órgão pelo Pastor Graça



Geazi estava, certamente, com o coração perturbado. Mas a verdade é que a resposta de Deus à oração do profeta excedeu de longe a expectativa do moço.

Deus está pronto a abrir os nossos olhos para vermos a sua resposta e a esquecermos os problemas que nos preocupam. A nossa primeira atitude perante os nossos problemas é a de os resolver com as nossas próprias forças; assim, nada feito: devemos, sim, olhar para Deus e pedir-lhe que no-os resolva.

É admirável a atitude de Job, realmente, «um bom crente, um bom filho de Deus». No capítulo 42:5, confessa que primeiramente apenas ouvira acerca de Deus, mas que agora vira.

No caminho que tivermos de seguir, através das mais variadas experiências, por vezes desanimadoras, procuremos ter os olhos bem abertos para ver a mão de Deus guiando-nos amorosamente.

Que cada um de nós possa fazer a experiência de conhecer a vontade de Deus.

Que Deus abra os nossos olhos e que esta oração seja atendida. Amen!

Seguidamente, o Pastor Valter Miguel cantou um solo: «Estarás pronto quando Cristo vier?» Foi acompanhado ao órgão pelo Pastor E. Graça.

Apresentou-se, depois, a Comissão Preparatória, para expor o resultado dos seus trabalhos. O Pastor E. Cupertino, seu presidente, tomou a palavra para comunicar à Assembleia que a Comissão reunira com espírito de oração e que, entrando, imediatamente, em actividade, havia preparado quatro Comissões; estas iam ser apresentadas à Assembleia para serem votadas, a fim de principiarem os seus trabalhos. Pediu, depois, à Secretária da referida Comissão Preparatória, que transmitisse o resultado dos trabalhos. Ocupou, seguidamente, o microfone a Irmã D. Irene Ribeiro que, depois de ler as decisões tomadas, propôs que fossem aprovadas. O Pastor Cupertino dirigiu estes trabalhos da apresentação e aprovação das resoluções da Comissão Preparatória, que a Assembleia aprovou, nomeando deste modo os membros das diversas comissões regulares.

Seguiu-se a apresentação da primeira parte do Relatório da Comissão

de Nomeações, feita pelo secretário da mesma, Pastor V. Miguel. O seu Presidente, Pastor Cupertino, anunciou a reeleição do Pastor A. Baião para Presidente da Associação Portuguesa, a qual foi aprovada e votada por unanimidade por todos os delegados presentes.

Seguidamente, o Pastor Cupertino apresentou as suas felicitações pessoais e, em nome da União Sul-Europeia, ao Presidente reeleito, Pastor A. Baião.

Também o Pastor Ludescher se levantou do seu lugar para felicitar o reeleito, em seu nome pessoal e da Divisão Euro-Africana, augurando-lhe as melhores bênçãos de Deus para o seu ministério no novo período que agora se inicia.

Seguidamente o Pastor J. Tavares anunciou o hino «Vinde Povo do Senhor» para introdução ao Estudo Bíblico. A oração inicial foi feita pelo Pastor J. Morgado.

O momento em que a Assembleia é informada da reeleição do Pastor Baião para o cargo de Presidente da Associação Portuguesa



Estudo Bíblico, pelo Pastor Juvenal Gomes

Ocupou então a tribuna o Pastor Juvenal Gomes para fazer o seu Estudo Bíblico, tomando como texto introdutório Marcos 11:19-25.

Principiou por dizer o orador que se fala muitas vezes em fé:



«Tende fé em Deus». A razão porque falamos muito em fé é porque ela nos falta. A nossa fé não chega à dimensão de um grão de mostarda, porque se a tivéramos em grande cópia, faríamos coisas extraordinárias como o afirmou Jesus. O Salvador referiu-Se à falta de fé nos nossos dias (Lucas 18:8).

Há quem pense que ir à igreja é sinal de fé. Isso, porém, não chega. O perdão é o esquecimento das faltas cometidas. Deus está sempre disposto, através da nossa confissão sincera, por intermédio de Jesus, para nos perdoar os pecados e lançá-los nas profundezas do mar.

Quando Pedro perguntou a Jesus até quantas vezes deveria perdoar a seu irmão, se até sete vezes, Jesus respondeu-lhe que até setenta vezes sete. Isto não quer dizer que seja exclusivamente o produto dessa operação aritmética, mas sim um número ilimitado de vezes.

O número sete é considerado nas Sagradas Escrituras como o número da perfeição, e aqui Jesus o empregou para mostrar a sua relação com a perfeição do perdoar e esquecer as faltas alheias.

Citando, seguidamente, Josué 6:3-6 o orador referiu-se à experiência do povo de Deus liderado por Josué, na tomada da bem fortificada cidade de Jericó, que foi o primeiro passo para a conquista de Canaã.

Antes, porém, do ataque, Josué foi ter com Deus, suplicando-Lhe a Sua direcção, obtendo como resposta a indicação de uma tática bastante simples: «rodear a cidade uma vez por dia, durante seis dias. No sétimo dia, deveriam rodeá-la sete vezes». As doze tribos unem-se desta maneira para conquistar a cidade. A ordem de marcha era encabeçada pelos soldados a quem se exigia, apenas, obediência e fé ao executarem as ordens do Senhor. A seguir, vinham sete sacerdotes que transportavam a arca, que simbolizava a presença do Senhor no meio do Seu povo. Finalmente, vinha o resto do exército; todos unidos deveriam agir sob fé inabalável nos planos de Deus. O apóstolo Paulo refere-se a este feito como tendo sido um resultado da fé (Hebreus 11:13).

Nesta experiência podemos ver a importância do 7.º Dia. Não vos parece, prezados Irmãos, que o deveríamos observar sete vezes mais do que costumamos fazê-lo? Durante os seis dias, eles rodearam a cidade uma vez por dia, em silêncio. É necessário calar e saber esperar a evidência de Deus. Assim é necessário saber calar as ofensas e esperar que Deus nos ajude a esquecê-las. Louvar a Deus no Sábado, sete vezes mais, pelas manifestações de Deus em nosso favor.

Um outro episódio interessante do silêncio encontra-se em 2 Reis 5:10-12. A menina israelita cativa na Síria, sendo escrava na casa de Naamã, general do exército sírio, soube esperar em silêncio para testemunhar da sua fé. Naamã, apesar de ser um grande do reino, era leproso. Procurou todas as possibilidades de cura e, quando já perdera a esperança, a menina falou-lhe da possibilidade de se curar, através do profeta da sua terra natal.

Assim Naamã apresentou esta esperança ao seu rei e este enviou, indevidamente, uma carta ao rei de Israel, em vez de a endereçar ao próprio profeta.

Quando Naamã entregou esta carta ao rei de Israel, este ficou indignado. Mas logo que o profeta Eliseu soube deste facto, foi ter com o rei e perguntou-lhe se não havia profeta em Israel.

E foi assim que Naamã e a sua comitiva foram ter com Eliseu que o mandou banhar-se, sete vezes, no rio Jordão. Naamã ficou mal disposto e indignou-se, pois considerava as águas dos rios Abana e Farfar, de Damasco, superiores às do Jordão. Pensou ir antes banhar-se nelas, mas finalmente aquiesceu às observações que os seus servos lhe fizeram para seguir as indicações do profeta de Deus e banhou-se sete vezes no rio Jordão; à sétima ficou limpo.

Outro episódio riquíssimo neste mesmo aspecto é o de 1 Reis 18:42-44, sobre a seca em Israel, durante sete anos. Quando, finalmente, chegou o sétimo ano, o profeta enviou o seu pagem, várias vezes, para ver se havia

signal de chuva e foi só à sétima que encontrou esse sinal, vindo, finalmente, a chuva.

É necessário ter fé para alcançarmos a promessa de entrarmos no Reino, «porque a meu Pai aprovou dar-vos o Reino» — disse Jesus.

Que é que Deus nos pede para vencer essas muralhas e alcançarmos o Reino?

Que nos unamos, que oremos e, em silêncio, marchemos com fé, aguardando, a cada passo, a operação do Senhor. São estes os factores exteriores que temos de vencer, são as nossas muralhas de Jericó.

As dificuldades interiores são representadas pela lepra de Naamã. Temos de vencer a lepra, vencendo o nosso orgulho de preferirmos as águas de Abana e Farfar dos nossos pontos de vista, das nossas comodidades e das nossas pretensões. Precisamos de entrar nas águas do Jordão, as águas do Espírito de Deus, a fim de podermos entrar na Canaã celestial.

Subamos, finalmente, ao Monte Sagrado de Deus, sete vezes, a fim de vermos o sinal da nuvem da chuva serôdia, da manifestação esfusante do Espírito Santo de Deus, que precederá, precisamente, a nuvem na qual se há-de manifestar o aparecimento glorioso da Vinda de Jesus.

Que possamos com fé aguardar essa nuvem, a fim de entrarmos no Reino Eterno de Jesus Cristo. Amém!

Finalizou-se esta reunião espiritual com um solo cantado pela jovem Ana Echevarria, acompanhada ao órgão pelo Pastor E. Graça.

O Pastor Juvenal Gomes proferiu a oração final.

Seguiu-se a apresentação do Relatório dos Jovens MV, pelo Pastor J. Morgado, Secretário dos Departamentos dos M. V., da Escola Rádio-Postal e da Liberdade Religiosa. Começou por dizer que o seu relatório se refere aos últimos dez meses, altura em que entrou nas actividades da Associação.

Referiu-se ao episódio dos discípulos de Jesus impedirem que as crianças fossem até junto do Mestre, o que lhes valeu terem sido repreendidos por Jesus, como sabemos. Acrescentou que, por vezes, com as nossas atitudes chegamos a afastar os jovens da Igreja. É grande a responsabilidade do pastor local em fomentar o interesse dos



A jovem Ana Maria Echevarria num dos seus belos solos de inspirada melodia

jovens pelas actividades da Igreja, ou desencorajá-los deixando de os apoiar, acarinhar, acompanhar e ajudar a organizarem-se.

O Pastor Morgado apresentou, depois, o Relatório da Escola Bíblica-Postal, salientando que através do correio e da rádio se atingem pessoas que de outra forma seria impossível atingir.

Finalmente, apresentou o Relatório da Liberdade Religiosa. Referiu-se às diligências efectuadas com a presença do Dr. Lanarès, Secretário do Departamento da Liberdade Religiosa, da Divisão Euro-Africana, junto das autoridades portuguesas, no sentido de os nossos jovens fazerem, em vez do serviço militar, um serviço cívico, a fim de ir ao encontro das suas objecções de pegar em armas e matar alguém.

Referiu-se, também, às diligências que se estão fazendo no sentido de se conseguir a dispensa de aulas, nos dias de Sábado, para os alunos adventistas.

Encerrou-se esta sessão da parte da manhã, com a oração do Pastor Leal.

Trabalhos vespertinos

Iniciaram-se os trabalhos às quinze horas, com o hino oficial da Assembleia «Breve Jesus virá», n.º 134 do Hinário «Cantai ao Senhor».

A prece inicial foi feita pelo Pastor P. Ribeiro.

Conferência da Noite, pelo Pastor Cupertino

As 21 horas teve lugar a Conferência Pública pelo Pastor E. Cupertino, que foi traduzido pelo Pastor M. Laranjeira.

Subiram à tribuna também a obreira bíblica, Irmã D. Maria Augusta Pires, Pastores E. Ferreira, Rodrigues, F. Mendes e V. Miguel,

Foi cantado o Hino Oficial da Assembleia «Breve Jesus Virá». Depois da oração feita pelo Pastor Rodrigues, tomou a palavra o orador da noite, Pastor E. Cupertino, que principiou por dizer que era aquele o último Sábado de reuniões de Assembleias da União Sul-Europeia. De facto, em Abril passado tinham-se realizado, em Madrid, as Assembleias de Espanha. O tema de toda a série das Assembleias da União Sul-Europeia fora:

«Preparai os Caminhos do Senhor». Também no passado mês de Abril se realizaram as Assembleias da Itália, igualmente subordinadas ao tema geral escolhido relativo à Volta de Jesus. Recordou, depois, o lema desta Assembleia «Cristo Vem — Prepara-te», que vai ser o tema da sua Conferência.

«Cristo Vem! Prepara-te», é, preza-dos Irmãos e Delegados — prosseguiu

O Pastor Cupertino proferindo a sua conferência, traduzido pelo Pastor Laranjeira. O tema foi o próprio lema da Assembleia



Seguidamente, o Pastor E. Cupertino apresentou o relatório completo da Comissão de Nomeações, que foi lido pelo Pastor V. Miguel, secretário da referida Comissão.

Este relatório está publicado na página 22 desta revista.

Após a votação e aprovação do relatório, o Pastor E. Cupertino formulou os melhores votos das bênçãos de Deus para todos os que foram escolhidos para os vários postos.

A seguir, o Secretário do Departamento das Publicações, A. Martins, apresentou o Relatório do mesmo Departamento.

Deus tem permitido um grande desenvolvimento deste trabalho.

Finalmente, o Secretário dos Departamentos das Actividades Leigas, da Escola Sabatina e da Temperança, Pastor Benito Raymundo, apresentou o respectivo relatório que foi aprovado e votado por unanimidade.

o orador —, a esperança da Igreja Adventista. O desejo de cada um de nós deve ser o de vivermos esta esperança e prepararmo-nos o melhor possível para a Vinda de Jesus. Sempre a Igreja Adventista pregou esta verdade; nos seus primeiros anos de existência e nos subsequentes era necessário que a Igreja tivesse muita fé para pregar tal mensagem, porque o Mundo que a ouvia parecia ser duradouro. Assim a Igreja demonstrou, a par de uma grande fé, também uma grande esperança na Volta de Jesus. Por isso e, muito bem, alguém chamou à Igreja Adventista «o povo da esperança». Pois hoje, também os homens do mundo anunciam o fim deste mesmo mundo, em vista do estado crítico a que o mundo chegou; tudo anuncia o fim deste mundo; também a Igreja Adventista o anuncia, mas sob uma luz totalmente diferente; enquanto o mundo espera uma catástrofe final desencadeada pelas forças humanas, a Igreja Adventista espera — como sempre — uma intervenção divina, da qual resultará uma nova Terra transformada, como realização

das profecias. Podemos ver, desde que o pecado separou o homem, de Deus, que os desejos do mesmo homem foram sempre o de regressar ao lar. E Deus alimentou esta esperança, como o apóstolo Pedro dá a entender ao referir-se à atenção dos anjos seguindo os acontecimentos deste mundo (I Pedro 1:32).

Os profetas, querendo marcar uma posição e tratando do tempo em que o Messias se devia manifestar, não deixaram de salientar o aparecimento messiânico glorioso, posição esta que levou a dificuldades quanto à compreensão das profecias, quando não se via a distinção entre as duas Vindas do Messias.

Efectivamente, o povo escolhido só compreendia a Segunda Vinda do Messias em glória. Mas era absolutamente necessária e indispensável a Primeira Vinda com o seu sinal característico do sofrimento, da humilhação. Henoc falou do regresso glorioso de Jesus; viveu Henoc numa época de grande corrupção, precedendo o Dilúvio; pregou uma mensagem da Volta de Jesus em glória acompanhado de milhares dos Seus Santos. Também Abraão pregou a Mensagem da Volta de Jesus através da sua peregrinação, aguardando a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. Job, no seu grande sofrimento, bem demonstra a esperança da visão da glória de Jesus e afirma que, mesmo depois da morte, espera ver o seu Redentor. Mas a esperança referente ao Messias acaba por ser falçada entre o povo escolhido, porque esperavam um Messias vencedor para escorraçar os Romanos; quando, finalmente, o Messias chegou, o povo não

O esperava. A Irmã White fala-nos de um pequeno grupo — os pastores que vigiavam os seus rebanhos — que passavam o tempo ocupando-se do Messias, cuja vinda aguardavam. Também Simeão e a profetisa Ana pensavam e esperavam o Messias; por isso, tanto estes como os pastores, O viram e contemplaram. Jesus veio na hora exacta e predita pelas profecias e, antes de regressar ao Pai, fez aos discípulos a promessa de que voltaria,



Parte da assistência à conferência do Pastor Cupertino, vendo-se no primeiro plano o Pastor Baião com a sua esposa

e a esperança desta Volta de Jesus ficou depositada no coração dos crentes. «Não se perturbe o vosso coração — disse Jesus — na noite da ceia. Na casa de meu Pai há muitas moradas ... Vou preparar-vos lugar.» Jesus queria que a oração dos crentes se compendiasse na expressão «Venha o Teu Reino». Recordemos como a Igreja dos primeiros tempos vivia a esperança da Volta de Jesus: a saudação corrente entre os cristãos era uma afirmação de fé e de esperança, quando diziam: «O Senhor vem». Paulo, Pedro e João falam nas suas epístolas da Volta de Jesus. Falar-se-á, também, da descida da Nova Jerusalém, da Parusia, da Epifania, da manifestação da glória da «bem-aventurada esperança» da qual Tiago diz que está próxima e que porá fim a todos os problemas deste mundo. Tiago dirá aos irmãos que vivem num mundo de classes sociais diferentes, no meio de tantas dificuldades e injustiças, que sejam «pacientes até à Vinda do Senhor» (5:7). A propósito de tais dificuldades, o Espírito de Profecia em «O Desejado», pág. 506, diz que Jesus, embora tivesse vivido sob um governo corrompido, entre abusos gritantes, violências, extorsões, homicídios e crueldades de toda a espécie, contudo nunca tentou nenhuma reforma política. Não condenou os inimigos da sua Nação, nem se ingeriu nos negócios políticos. O nosso Modelo não se preocupou com o governo nem com as questões políticas — não que isso Lhe fosse indiferente, mas porque o remédio para essas coisas não se encontrava em medidas exteriores. Era preciso regenerar os corações, preparar os homens para um mundo novo. O apóstolo Pedro manda-nos cingir os lombos do entendimento, que sejamos sóbrios e esperemos inteiramente na graça que nos é oferecida na revelação de Jesus (I Pedro 1:13) e acrescenta que não nos conformemos com as concupiscências que antes havia na nossa ignorância. Recordando as cartas às sete igrejas na Ásia, examinemos a última dirigida a Laodiceia — o povo justo. Aqui se salienta que Jesus está à porta e que bate. Também as últimas palavras do Apocalipse se concretizam numa oração: «Ora vem, Senhor Jesus!» É a esperança da Volta de Jesus que se manteve viva durante os primeiros

tempos da Igreja, e sempre mais viva quanto mais violentas eram as perseguições. Nas Catacumbas, nas lápides sepulcrais, encontramos frequentemente os dois símbolos: o peixe, cujas letras da palavra grega significam «Jesus Cristo Filho de Deus, Salvador» e a representação da Santa Ceia, significando a esperança da Igreja na Volta do Senhor. Mas com o decorrer do tempo a Igreja foi perdendo esta esperança, nomeadamente, com o aparecimento dos doutores, entre os quais se destaca Agostinho, bispo de Hipona, no Norte de África. Identifica S. Agostinho, na sua obra «Cidade de Deus», a Volta de Jesus com o poder temporal da Igreja; para Agostinho, a descida do Espírito Santo já era a Volta de Jesus. Mais tarde, o Papa Inocêncio III, retomando a doutrina agostiniana, afirmou que a volta de Jesus se encontrava na formação da teocracia papal, isto é, do poder papal. A partir de então a Igreja foi perdendo de vista a Volta de Jesus.

Hoje, as Igrejas também não falam na Volta de Jesus. Disse um teólogo alemão que podemos abrir os livros religiosos e verificamos que, salvo poucas exceções, tais livros não falam da Volta de Jesus. Acrescenta que a Igreja é uma esposa adúltera, infiel a Cristo, porque perdeu de vista o Seu regresso. De maneira idêntica se exprime um outro pastor valdense, acrescentando que tal Igreja que se esquece da Volta de Jesus é indigna do nome de cristã. Não sei o que se passa em Portugal; quando na Itália — acrescenta o Pastor Cupertino — ligo o rádio para programas religiosos, apenas ouço falar de questões raciais, de «apartheid», de tudo, menos da Volta de Jesus. Repito que não devemos ser cegos sobre a situação sócio-política actual, mas a verdade é que a Igreja deve transformar os corações dos homens, preparando-os para a Volta de Jesus. Têm surgido, recentemente, novos movimentos religiosos, nomeadamente o de «Os Meninos de Deus», prometendo um mundo de igualdade, de felicidade nesta vida. Certo jornalista italiano escreveu que os homens, nestes nossos dias, têm necessidade de fé, e pergunta se a fé não é uma coisa fora deste tempo. Não sabemos que o homem tem necessidade, antes de mais, de renovar, de transformar o coração, para apagar

o egoísmo que torna mais grave a sua separação de Deus. Parece que o homem pretende tornar-se senhor da Criação, graças à Ciência; mas a Natureza volta-se contra o mesmo homem e ameaça-o com as suas reivindicações. Por isso, temos necessidade de pregar a fé verdadeira que transforma os corações, para neles entrar a esperança da Volta de Jesus. No seu livro «História de Cristo», Giovanni Papini termina com uma Oração a Cristo, dizendo: «Ainda estás, todos os dias, entre nós. E estarás sempre connosco. Vives entre nós, na terra que é Tua e nossa. ... Mas eis que chegou o tempo em que deves reaparecer a todos nós e dar um sinal peremptório e irrecusável a esta geração. Jesus, Tu vês a nossa necessidade. ... Temos necessidade de Ti, só de Ti, e de mais ninguém. Só Tu podes sentir como é grande, incomensuravelmente grande, a necessidade que temos de Ti, neste mundo, nesta hora do mundo ... A grande experiência está chegando ao fim. Os homens, afastando-se do Evangelho, encontraram a desolação e a morte. Só nos resta a esperança da Tua Volta!» ...

Também o papa João XXIII, ao lançar a bênção à multidão, na Praça de S. Pedro, disse: «Vem, Senhor Jesus! O Mundo aguarda a Tua manifestação».

É claro que o significado da Vinda de Jesus para João XXIII é muito diferente do verdadeiro significado que tem para nós, pois a Volta de Jesus, significa, para João XXIII, o domínio da Igreja sobre a Terra. Também Savonarola, o famoso dominicano, reformador do século XV, exclamava em Florença: «Roma, aviso-te; advirto-te, Itália: só Jesus Cristo é que pode salvar». A mesma mensagem se foi fazendo ouvir por outros homens até ao aparecimento do povo adventista, que agora anuncia por toda a parte que não há mais tempo. Por isso devemos anunciar, com voz cada vez mais forte, a próxima Vinda de Jesus e suplicar: «Vem, Senhor Jesus». Mas que é esta Mensagem para cada um de nós? Será apenas um desejo de nos reunirmos, depois de termos estado separados? Tenho presenciado, quando deço dos aviões, cenas comoventes de pessoas que se encontram depois de terem estado separadas. Quando assisto a tais cenas, penso na Volta de Jesus, que reunirá para sempre todos os que estivemos separados para nunca mais nos separarmos. Estamos nós desejosos de nos encontrarmos com Jesus? Recordemos os cuidados com que os astronautas preparam as suas viagens orbitais, tratando meticolosamente de todos os pormenores; se falhar qualquer coisa, a viagem será um malogro; e trata-se apenas de uma viagem à Lua, para depois voltarem a esta mísera Terra! Quanto cuidado não devemos pôr na nossa preparação para nos encontrarmos com o Salvador! E temos de estar preparados a todo o momento. Quem desconhece as tragédias ocorridas recentemente com os terramotos em várias

partes da Terra? Recordo o caso passado na Itália, de um jovem casal, em lua de mel, escrevendo à família, dizendo que estavam os dois muito felizes. Depositaram a carta na recepção para ser enviada para os pais; durante a noite deu-se uma fuga de gás que inundou o quarto em que dormiam. Assim morreram. Pensamos nas pessoas que enchem os cinemas, os teatros, os escritórios, as suas casas, e que em poucos segundos ficam sepultadas nos escombros dos edifícios arrasados por um sismo!... E tudo isto de improviso, subitamente, sem aviso prévio!...

Quantos de nós estaríamos preparados para a Volta de Jesus, se essa Volta se realizasse agora, neste mesmo instante? Não podemos esperar pelo último momento. «Vi — diz a Irmã White — que muitos negligenciavam a preparação e contavam com a chuva do refrigério; vi que o mundo não estava preparado convenientemente e, por isso, muitos não beneficiaram da chuva serôdia. Vi que ninguém pode ter parte no refrigério se anteriormente não tiver vencido o orgulho, o egoísmo; temos de obter a vitória sobre o mundo; temos de controlar as nossas palavras, os nossos sentimentos desordenados.»

Se esta noite, olhando para nós mesmos, ainda descobrimos em nós sinais de egoísmo, de amor do mundo, e que ainda não vencemos o velho homem, pois é este o momento para realizarmos o lema da Assembleia: «Cristo Vem. Prepara-te» para esse dia, no qual haverá dois grandes grupos: o dos salvos que exclamará: «Eis o nosso Deus a quem aguardávamos, e Ele nos salvará.» O outro grupo exclamará aos montes e aos rochedos: «Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto d'Aquele que está sentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro.» Em qual dos grupos estaremos nós naquele dia? Certamente que todos nós desejamos estar entre aqueles que hão-de saudar o nosso Salvador. Uma coisa é certa: Cristo vem, quer estejamos ou não preparados.

Preparemo-nos, pois, prezados Irmãos, para não ficarmos de fora das portas; ponhamos a nossa vida em ordem, porque o Senhor vem. Quando Jesus vier, quer estejamos vivos, quer estejamos no pó da sepultura, aguardando a ressurreição, que todos nós possamos conchamar: «Eis o nosso Deus a quem aguardávamos e que nos salvará!» É a minha oração.

Seguiu-se um solo cantado pelo Pastor V. Miguel acompanhado ao piano pela jovem Denice Raymundo. Cantou-se o Hino 133, «Cristo volta brevemente».

A oração final foi dita pelo Pastor E. Ferreira.

Como fora anunciado, os serviços da manhã, Escola Sabatina e Culto solene, foram realizados no salão do Monumental, ao Saldanha.

A vasta plateia do salão encheu-se completamente com os delegados e irmãos das várias igrejas de Lisboa

Abertura da Escola Sabatina. Não é visível a presença do lema, mas o pensamento dominante continua a ser a preparação necessária



Sábado, 17 de Julho, 10 h.

Serviços Matinais no Salão Monumental

e alguns dos arredores, assim como também com numerosas visitas.

Às 9.45 o Pastor V. Miguel anunciou que a assistência ia cantar alguns hinos. Às 10 horas começou a Escola Sabatina. No palco tomaram parte representantes das igrejas de Vila do Conde, Porto, Coimbra, Leiria, Odiveias, S. Miguel e Terceira. Presidiu o Pastor Benito Raymundo, Departamental da Associação para a Escola Sabatina.

A oração inicial foi pronunciada pelo Pastor P. Ribeiro. Seguidamente, o Pastor Raymundo saudou os presentes da parte do Departamento da Escola Sabatina, a todos desejando as melhores bênçãos de Deus.

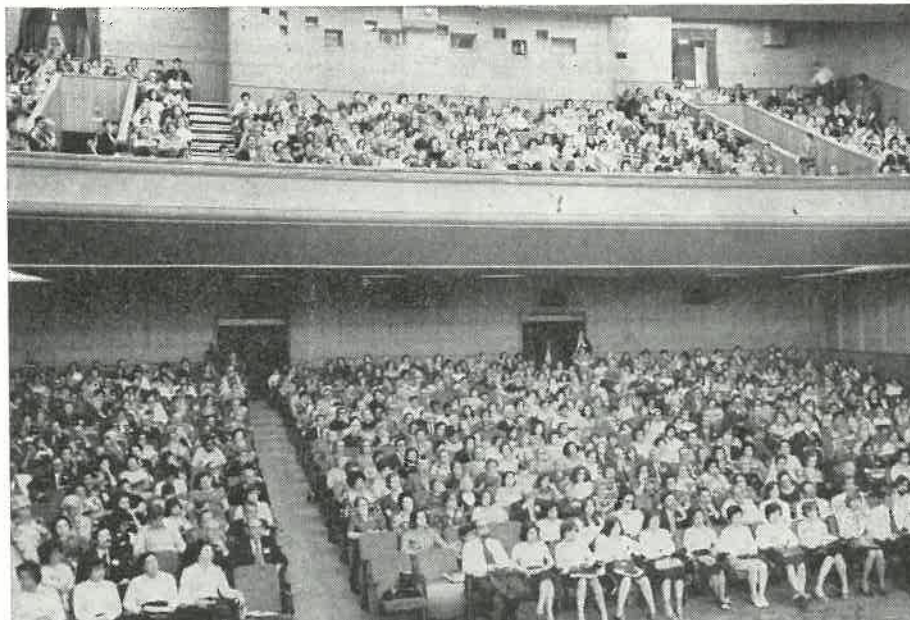
Correu-se o pano do fundo do prosénio e apareceu o Coro da Igreja Central que, sob a direcção do jovem M. Baião, cantou o hino «Conquista ó Cristo», acompanhado ao órgão pela Irmã D. Teresa Baião.

O Boletim Missionário esteve a cargo do Pastor C. Esteves, que o apresentou sob a forma de uma carta

que acabasse de chegar, vinda do Bornéu. Relatou o conteúdo da suposta carta, referindo o trabalho adventista no Extremo Oriente, realizado também com uma avionete, desde a inauguração da primeira viagem aérea em 1923. O excesso das Ofertas do 13.º Sábado destina-se, precisamente, para aquele campo, para a construção de novas pistas que hão-de facilitar a continuação do trabalho evangélico.

Os Cinco Minutos especiais estiveram a cargo da jovem Josefa, que salientou «a necessidade de que a Escola Sabatina experimente uma verdadeira reforma, para melhorar a sua condição existencial. Ou se sobe ou se desce na espiritualidade. Importa, evidentemente, subir. Para isso, no plano espiritual, temos de estudar a Lição diária e recorrer também à oração. Certo pastor norte-americano, no dia em que recebeu o baptismo, recebeu o seguinte conselho de um outro de grande experiência: se não queres correr o risco de te afastares da Igreja, faz o seguinte: pede, todas as noi-

Vista parcial da assistência durante a Escola Sabatina





No início da Escola Sabatina actuou o coro da Igreja Central dirigido por Miguel Baião

Culto Solene

Sermão do Pastor Ludescher

Todos os Pastores consagrados e no activo, presentes, entram no vasto prosccênio e tomam os seus lugares, flanqueando o Pastor Ludescher, que ocupa a presidência. Corre-se o pano posterior que deixa ver o Coro da Assembleia que, sob a direcção do Pastor Tito Falcão, entoia a doxologia «Alta Trinitá Beata» (séc. XV, autor desconhecido). Segue-se a Invocação, que é feita pelo Pastor Maurício.

O Pastor V. Miguel anuncia o Hino Oficial da Assembleia, n.º 134, «Breve Jesus Virá», que a assistência canta com grande entusiasmo.

A oração é feita pelo Pastor Juvenal Gomes.

O Pastor J. Morgado saúda todos os delegados, os irmãos e os amigos presentes. Dirige saudações especiais «a um grupo ilustre de visitas, os Irmãos dirigentes da Divisão Euro-Africana, Pastores Ludescher, Amelung e Folkenberg da Divisão Euro-Africana, e os Irmãos dirigentes da União Sul-Europeia, Pastores Cupertino e Gomes. É com prazer que anuncio que o Pastor António Baião foi reeleito Presidente da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, para quem desejamos as melhores bênçãos de Deus».

Seguidamente, o Pastor J. Dias anunciou que ia ser levantada a oferta. «Nas Assembleias — disse — é hábito consagrar a oferta que então é levantada, à expansão da Obra de Deus. Tudo é de Deus; por isso não faço um apelo para que sejamos generosos; Deus concede-nos, agora, uma oportunidade de mostrarmos a nossa gratidão por tudo quanto temos recebido das Suas divinas mãos e bem sabemos que o mesmo Deus não regateia as Suas bênçãos para connosco. A nossa oferta vai ser destinada à continuação do esforço evangélico que se está fazendo na Beira Baixa, nomeadamente na região de Castelo Branco, onde há

João Paulo Trindade num solo com acompanhamento de Denice Raymundo ao piano



tes, a protecção divina; todos os dias, fala de Jesus a alguém.

«Que cada um de nós — concluiu a jovem Josefa — possa fazer um reavivamento e uma reforma.»

Tomou, depois, a palavra, o Pastor Benito Raymundo, que principiou, dizendo:

«Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros; crede nos seus profetas e sereis prosperados. Prezados Irmãos e Irmãs! A oração que temos do Espírito de Profecia é a de classes separadas, divididas e com o respectivo professor. Mas numa circunstância destas é impossível passarmos a Lição por classes. Mesmo assim, hoje temos três monitores que passarão, sucessivamente, a Lição, dispondo cada um deles de dez minutos. O primeiro vai ser o Pastor A. Nunes.»

O Pastor A. Nunes principiou por recordar o título da Lição: «Os Perigos da Desobediência» salientando, depois, três pontos básicos para evitar tais perigos: Cristo, Bíblia e Espírito de Profecia. Expôs, depois, que esta Lição é actual, para os nossos dias, provando a sua afirmação com o versículo áureo.

Seguiu-se o Pastor A. Oliveira, que relacionou o estudo com a Epístola aos Hebreus. Dirigiu uma solene advertência à Igreja, pondo-a em guarda contra o trágico perigo da apostasia.

Tomou depois a palavra o Dr. Sandoval Melim, que principiou por dizer que a última parte da Lição assenta no paralelo: Israel incapaz de entrar no repouso, e nós, que podemos entrar no repouso. Porque falharam os Israelitas? Porque desobedeceram. Como poderemos nós vencer? Obedecendo. Israel entrou em relação com Deus numa letra morta. Com Jesus temos a Palavra viva. Os fariseus obedeciam à letra morta. Mas também para nós a Palavra viva se pode tornar letra morta desde que não tenhamos fé em Jesus, a fé que assenta na humildade: a implícita confiança na Palavra de Cristo.

Tomou a palavra o Pastor Raymundo que, depois de dizer que além das Igrejas representadas na mesa da presidência, como anteriormente anunciara, ia agora também ser representada a de Setúbal, na pessoa do jovem João Paulo Trindade Reis. Este cantou um

solo, tendo sido acompanhado ao piano pela jovem Denice Raymundo.

Aproximou-se, depois, do microfone, o Pastor J. M. de Matos, que disse que Jesus tivera o espírito missionário e que os Seus primeiros esforços haviam sido missionários. «A alma que encontra Jesus — prosseguiu o Pastor da igreja do Porto — quer levá-lo a outros. Daí, a colaboração mútua que é necessário estabelecer entre os vários Departamentos para salvar almas. Apenas, entre tantos que poderia apresentar-vos, um exemplo. Uma senhora, no Porto ouvindo, certa vez, a Voz da Esperança, ficou interessada em obter informações.

Foi assim que a nossa obreira bíblica, Irmã D. Judite Mendes, a foi visitar. A referida senhora começou a frequentar a nossa igreja e, coisa curiosa, era o próprio marido quem a levava, no carro, até à porta da igreja, seguindo ele para um café próximo, onde esperava o final do culto para voltar à porta da igreja e levar a esposa. Um dia — ele, o marido, não sabe explicar como isso foi — sentiu um impulso para entrar na nossa igreja; entrou e um diácono, aproximando-se dele, com um sorriso nos lábios, e delicado e sugestivo convite, guia-o para a frente e indica-lhe, precisamente, um lugar vago, junto da esposa. Imagine-se a surpresa desta senhora, quando viu o marido. O que é certo é que os dois esposos voltaram e já acompanhados dos filhos. Aquele senhor confessou-nos que muito desejava deixar de fumar, tendo já feito tentativas, sempre infrutíferas. Pois, graças a Deus conseguiu-o, depois de haver seguido um Plano de Cinco Dias, dirigido pelo Pastor Raymundo, e na sequência da fraternidade constante e leal que ele encontrou na igreja. Vou concluir, prezados Irmãos, recomendando, calorosamente, que colaborem todos na medida das nossas forças e capacidades para a salvação das almas.»

O Pastor Raymundo que se aproximou do microfone agradeceu, em nome do Departamento da Escola Sabatina, a participação dos intervinientes na decorrer daquela sessão, com os votos de que todos colaborem o melhor possível nas suas próprias Igrejas, para o progresso da Escola Sabatina e para a salvação de muitas almas.



Traduzido pelo presidente da Associação, o Pastor Ludescher dirige à Assembleia o seu sermão solene

um grupo de crentes que esperam a Volta de Jesus. Deus oferece-nos a oportunidade de Lhe mostrarmos a nossa gratidão e o nosso amor pela expansão da Obra. As pessoas que não estiverem preparadas para entregar uma oferta que desejariam dar ao Senhor, poderão entregar um papel, onde escreverão o nome e a igreja a que pertencem, com a quantia que desejam entregar ao Senhor. Tais papéis serão distribuídos pelos Irmãos Diáconos a quem os pedir.»

Seguiu-se a execução do trecho «Jesus, alegria dos homens» da Cantata 147 de J. S. Bach, executado pelo Coro da Assembleia, dirigido pelo Pastor T. Falcão e acompanhado ao piano pela Dr.ª Eunice Dias e ao órgão pela jovem Denice Raymundo.

Aproximou-se, então, do microfone o Pastor Ludescher, o orador do Culto que se ia seguir e que foi traduzido pelo Pastor Baião.

«Prezados Irmãos, Amigos e Jovens! De há dias que estamos reunidos nesta Assembleia da Associação Portuguesa. Neste Dia que o Senhor abençoou e que reserva para o Seu serviço, é importante que o Seu povo se possa congrega para Lhe tributar as honras e louvores que Lhe são devidos. Um dia como este é, para mim, um antegozo da eternidade; quando os filhos de Deus se reunirem para sempre, então será a eternidade. Hoje, há milhares de adventistas por esse mundo fora que estão pensando em nós e que estão orando por nós. É um imenso privilégio pertencer ao povo adventista, pertencer ao povo de Deus. Também é um privilégio o podermos participar nesta grandiosa obra de salvar almas para o Reino Eterno. Se aqui viemos a este lugar, não é para ouvir um homem; se aqui viemos é para abrir o nosso coração à voz de Deus. Desejo convidar-vos a abrir o coração à mensagem que o Senhor tem para nós, esta manhã, abrindo-Lhe, portanto, a nossa mente e o nosso coração como as flores se abrem aos raios benéficos do sol.

Vejamos a Palavra de Deus em Apocalipse 19:5-9. Esta visão grandiosa que deve encorajar o povo de Deus permite-nos olhar para o momento solene da obra da redenção. Uma alegria indescritível reinará nos seres

celestes, diante da multidão dos eleitos. Já no versículo 4 deste mesmo capítulo se diz que os vinte e quatro anciãos e os quatro animais se prostraram e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amen, Aleluia! Vem, depois, a alegria desta multidão e ouve-se uma voz — decerto potente — que convida a louvar a Deus; outra voz, como de uma grande multidão, comparada à de muitas águas e como de grandes trovões que reboava: «Aleluia! Pois já o Senhor Deus Omnipotente reina.» E a razão de toda esta alegria é porque chegaram as bodas do Cordeiro, chegou o momento solene da realização dessas bodas. João faz-nos olhar para o momento da união do Cordeiro com a Igreja. A imagem das bodas, do amor da esposa e do esposo é uma imagem familiar nas Sagradas Escrituras; significa a união entre Jesus Cristo e cada um dos filhos de Deus, comunhão íntima entre Cristo e a Igreja. Paulo aos Efésios 5:25 fala desta estreita e íntima comunhão entre Cristo e a Igreja. O acontecimento em perspectiva apresentamos a Igreja semelhante a uma esposa para receber o esposo que é Cristo. Qual não deve ser o nosso sentimento em relação a tal encontro?

No livro dos Cantares 1:7 encontramos a descrição do profundo amor que a Sulamita tem pelo seu amado. Poderemos nós dizer a mesma coisa em relação ao amor que devemos ter pelo nosso Salvador? No capítulo 3 estende-se diante dos nossos olhos, atônitos por tanto amor, a ansiedade da

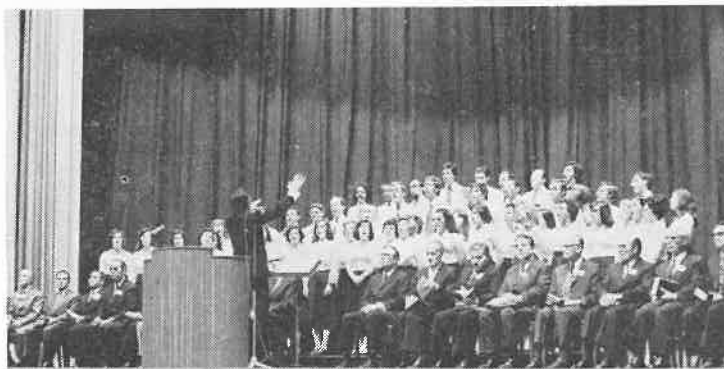
Sulamita por encontrar o seu amado. É assim que nós procuramos a Cristo? Também procuramos assim elevar até Ele o nosso coração? E que diremos da saudade que temos de Jesus? Também são muito expressivas as declarações de um amor profundo da parte da Sulamita para com o seu amado e que se encontram registadas no capítulo 6:3. Comparando estas declarações, que poderemos nós dizer a respeito do nosso amor para com Jesus? E, contudo, destas nossas relações com Jesus depende a realidade do nosso encontro com Ele. O que nos deve encorajar é sabermos que Jesus deseje ardentemente que este encontro se realize, efectivamente, em breve. Cristo ama a Sua Igreja com amor ilimitado. Em Isaías 43:4, falando do Seu povo de então e da Sua Igreja de então, Deus refere-se à preciosidade da Sua Igreja. Prezados Irmãos! Estas palavras dirigidas por Deus à Sua Igreja são verdadeiras encorajadoras. O mundo pode olhar-nos com desprezo; mas sabemos que Deus nos olha com amor e carinho inexcelsível. Diz a Irmã White (Mensagens Escolhidas I, 65) que não há nada mais precioso para Deus nesta terra do que a Sua Igreja; e ainda que fraca e imperfeita, é ela, contudo, o único objecto sobre a Terra que atrai os olhos de Deus. Não há nada mais grandioso neste mundo para Deus do que a Sua Igreja; dela cuida sem cessar, fortificando-a através do Seu Espírito Divino.

Quais não deveriam ser os nossos sentimentos, sabendo que em breve nos encontraremos com o Cordeiro, convidados para as Suas bodas!

João, na sua Primeira Epístola, 3:1, fala desta situação maravilhosa: sermos chamados filhos de Deus.

Nesse encontro prometido e que devemos desejar ardentemente, veremos Aquele a quem se dirige o nosso amor e de quem temos saudades. Vê-lo-emos tal como Ele é; ouviremos a Sua voz; veremos Deus tal como é. Mas não cuidemos, prezados Irmãos, que basta apenas ter este desejo ou alimentar esta esperança! Mais uma vez temos de nos preparar para o encontro com o Salvador, conforme lemos no versículo 3 de I João 3: «Qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro.»

Um coro especialmente formado para esta Assembleia e dirigido pelo Pastor Tito Falcão, actuou duas vezes durante o culto solene





Como que simbolicamente, o exterior do Monumental sugere o mundo de maldade e de violência onde a Igreja tem uma missão a cumprir

— veremos a Deus, tal como é, face a face. Hoje há problemas sem solução e produzem-se acontecimentos incompreensíveis; mas então, na Pátria eterna, tudo veremos claramente. Tudo isto está muito bem indicado por Paulo em I Cor. 2:9, quando diz: «As coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que O amam». E tudo isto se realizará depois do encontro com Jesus, após as bodas do Cordeiro. Uma coisa é certa, sem dúvida alguma: Deus realizará as Suas promessas e os Seus planos. Falando das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus». Em 21:5 encontramos mais uma confirmação.

Portanto, não há que duvidar do cumprimento destas promessas. Há, sim, uma questão que nos deve preocupar: estou eu preparado para este encontro? Haverá um lugar para mim na ceia das bodas do Cordeiro? Fechar-se-á a porta para mim? Que aconteceria se o encontro se realizasse, hoje mesmo, nesta tarde? Estou preparado?

Sinto-me sempre perturbado quando penso nas palavras de Jesus quando disse que dois estavam trabalhando no campo; um era levado e o outro ficava. Duas mulheres estavam trabalhando no moinho; uma era levada e a outra deixada. Traduzindo isto em linguagem moderna: vão dois num

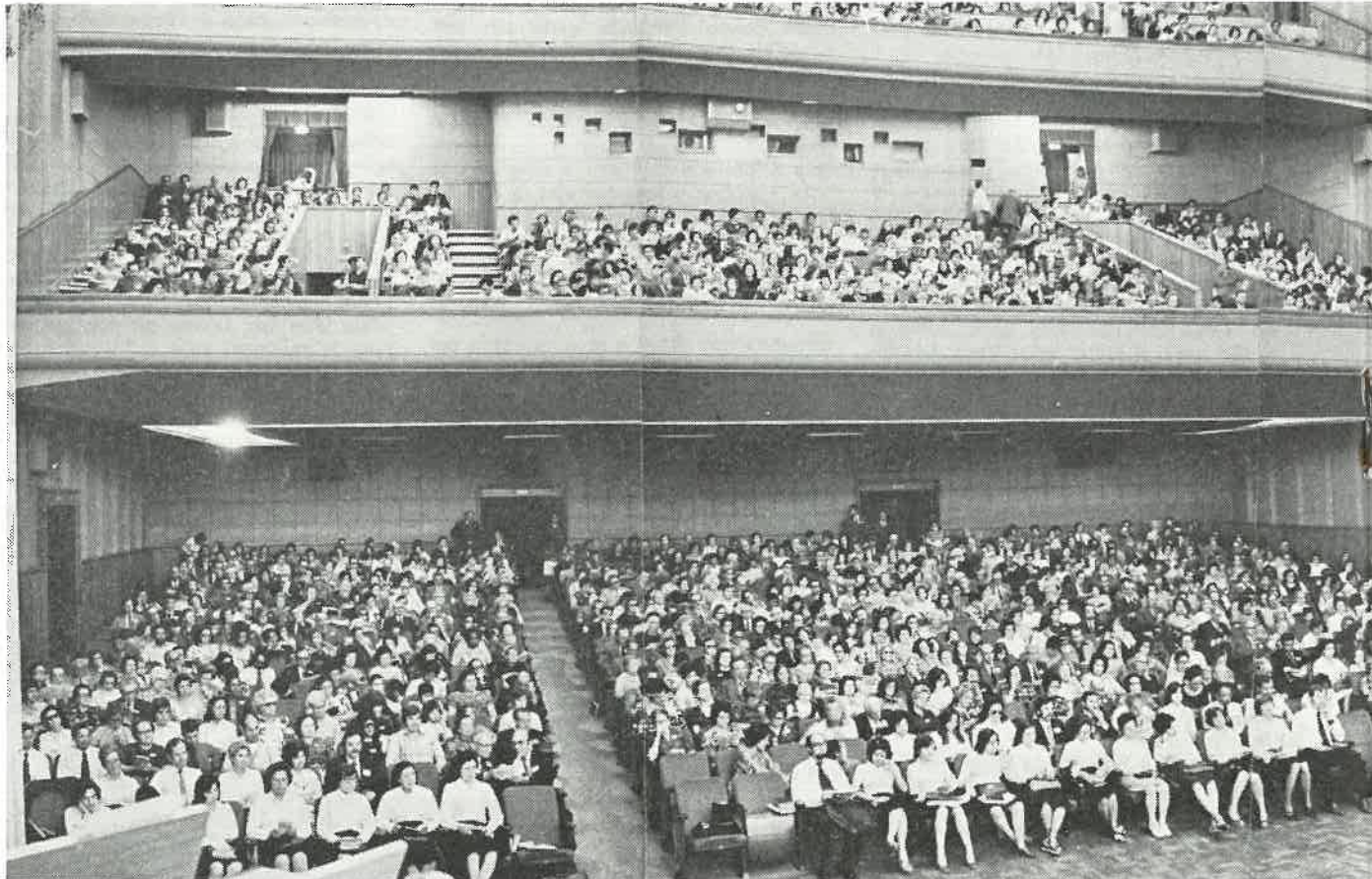
Este glorioso encontro apresenta dois aspectos: é um fim, um termo, e também é um princípio.

a) O encontro é um termo, um fim. Será o fim da separação de Deus pelo pecado, depois da tragédia do Éden. Em Apocalipse 21:4 temos uma bela descrição das coisas que não-de terminar: lágrimas, morte, pranto, clamor, dor, porque já as primeiras coisas são passadas. Deus limpará todas as lágrimas. Que magnífica promessa! Não haverá mais morte! Nunca esquecerei a lembrança que me deixou uma pobre

mãe, quando eu visitava os lares, de porta em porta, em trabalho missionário. Vi três fotografias de 3 jovens: eram os filhos que ela, por entre lágrimas, me disse que haviam morrido, acrescentando, porém, que tinha pressa de se encontrar com Jesus para também reencontrar os filhos. Será o fim das lágrimas e da morte!

b) Mas também será o começo da eternidade, de uma vida de paz sem fim. Também é o começo da vitória sobre o mal; o começo do conhecimento pessoal real que teremos de Deus, conforme lemos em I Cor. 13:12

Panorâmica do interior do Monumental durante os serviços de Sábado, 17 de Julho de 1976



automóvel; um é levado e o outro é deixado. Vão dois num avião; um será recebido e o outro rejeitado.

Prezados Irmãos! Qual seria a nossa situação neste momento? Seríamos recebidos ou rejeitados? E se o encontro fosse agora mesmo, que é que aconteceria comigo?

Na parábola dos convidados para as bodas há um facto importante. Mat. 22:11 diz que «entrando o rei para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com vestido de núpcias». Sabemos o que lhe aconteceu, pois nem sequer foi capaz de abrir a boca para falar. Temos nós as vestes nupciais? Sabemos que a Igreja se deve preparar envergando as vestes de linho puro. Pergunto a mim mesmo e a vós: que significado tem para nós a justificação pela fé — simbolizada nas vestes de linho puro — e que representa a justiça de Cristo? Tais vestes são para nós apenas uma teoria? Ou vestimos as nossas próprias vestes? Quais são as nossas vestes nupciais? A Irmã White diz que Deus exige a dádiva incondicional do coração. A justificação pela fé é a realidade da nossa vida. O homem não se pode salvar pelas suas obras; a única salvação reside na justiça de Cristo de que nos apoderamos pela fé.

Quando olho para mim mesmo não vejo como é que poderei ser salvo; mas quando olho para Cristo não vejo

A tribuna, como se apresentava durante o culto solene, em que a Pastor Ludescher uma vez mais insistiu na preparação para o encontro final com o Salvador



como seria possível perder-me. Seja esta a nossa experiência. Deus nunca vê o pecador arrependido sozinho, pois vê-lo através de Jesus. Qual é a nossa experiência? Temos nós as vestes nupciais da justiça de Cristo, sem as quais não poderemos entrar na sala da ceia das bodas do Cordeiro?

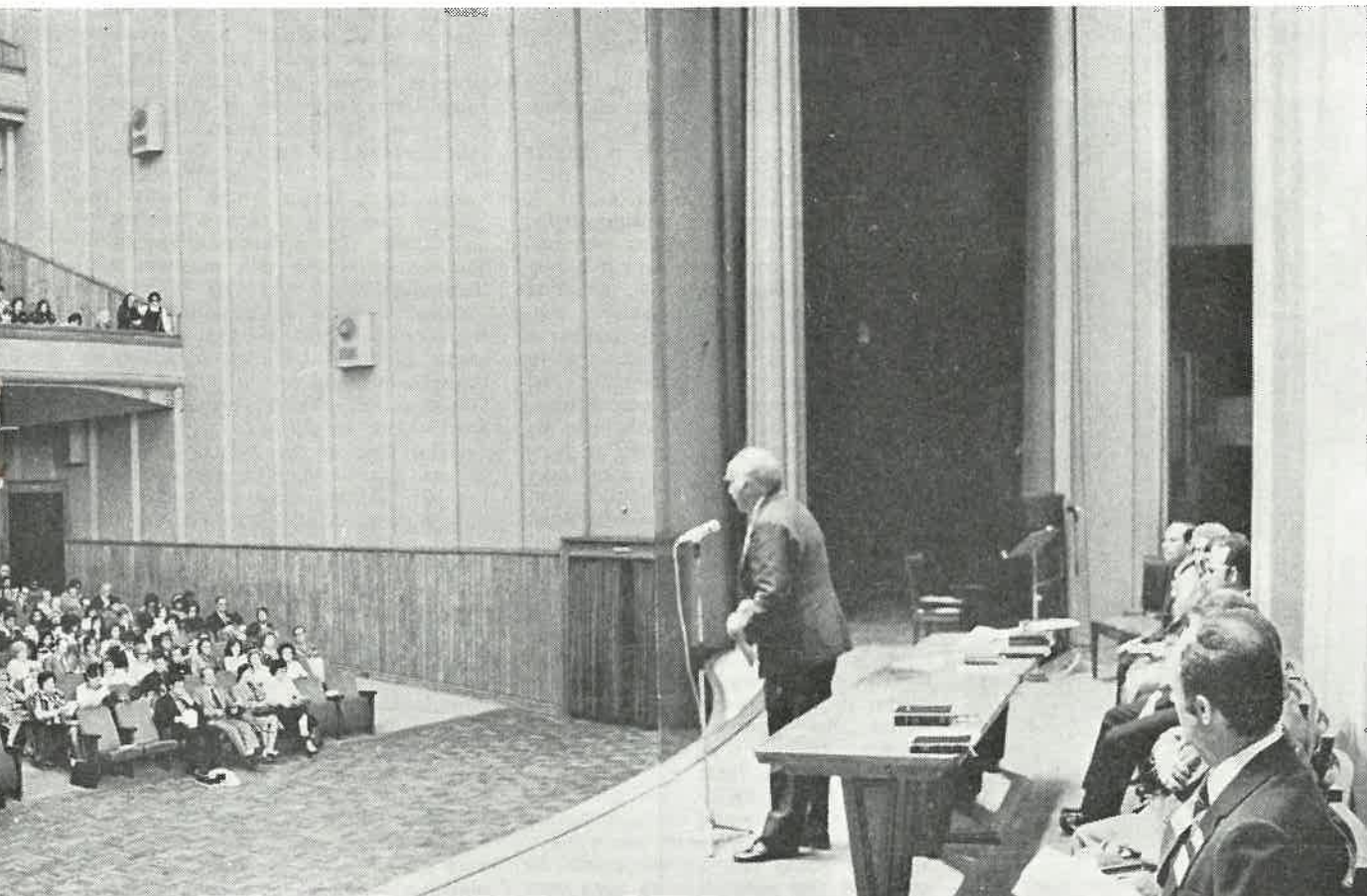
A justificação representa o passado; a santificação representa o presente e a glorificação representa o futuro. De acordo com o nosso lema, mais uma vez pergunto: Estamos nós prontos, estou eu pronto para as bodas do Cordeiro? Tenho a minha vida em

ordem? Tornou-se Jesus, realmente, a minha justificação, a minha santificação e será a minha glorificação?

Não hesitemos; o tempo é curto; não sabemos quanto tempo ainda temos diante de nós.

Temos de nos revestir das vestes de Jesus. Coragem! Apossememo-nos de Jesus e da Sua justiça, apertemos-lhe bem a mão para nunca a deixarmos. Seja esta a nossa experiência. É a minha oração. Amen.

O Pastor S. Reis anunciou o Hino 140, «Bem-Vinda Sejas», seguindo-se-lhe depois o «Vivifica a Tua Igreja».



Consagração Pastoral

Às 17.30 horas teve lugar a cerimónia solene da consagração de um obreiro ao pastorado.

Na tribuna, tomaram assento os Pastores Ludescher, Miguel, Mendes, Morgado, Baião, Juvenal, Cupertino, Amelung, Folkenberg, Dias, Sandoval e Nunes.

A sessão abriu com o hino «Pai, Eu Me Acheço a Ti».

A oração inicial foi feita pelo Dr. Sandoval, que tomou a palavra e começou por dizer que tínhamos ouvido que o supremo objecto de Deus na Terra é a Sua Igreja. «Para ela cumprir a sua missão necessita de homens que se lhe consagrem inteiramente. Por isso vamos ter uma consagração ao ministério. Também os nossos Irmãos de Espanha estão em espírito connosco, tendo a Associação Espanhola enviado um telegrama em que manifesta o desejo das bênçãos de Deus para os trabalhos da Associação Portuguesa. Também o Pastor Baião recebeu um telegrama de um crente da igreja da Amadora com as suas saudações. Devemos agradecer a Deus o facto destes Irmãos se lembrarem de nós nas suas orações.

«Esta tarde — prosseguiu o Dr. Sandoval — vamos ter a impressionante cerimónia da consagração ao ministério do Irmão Daniel da Fonseca Simões



De novo na Igreja Central, no início da Cerimónia da Consagração

da Silva, que será apresentado à Assembleia. O Irmão Daniel da Silva vem da Igreja de Portalegre, onde se encontra há três anos como obreiro. Conheci-o em 1968, quando eu aqui estava a trabalhar nesta Igreja Central; comigo começou o seu ministério, coadjuvando-me nos trabalhos ministeriais. Tivemos momentos difíceis e agradáveis. Foi para os Açores em 1969, onde estive quatro anos, e dali foi para Portalegre. Frequentou aqui o Curso Bíblico, que foi completar a Collonges.»

Seguidamente o Pastor Tito Falcão cantou um solo acompanhado ao piano pela Irmã, Dr.ª Eunice Dias.

Toma, depois, a palavra o Pastor Cupertino, que é traduzido pelo Dr. Sandoval. Começou por dizer:

«É este o momento mais importante da Assembleia, pois vamos separar, pôr de parte, consagrar para o ministério — prezados Irmãos —, um dos vossos filhos. Momento solene, momento pelo qual a Igreja, repetindo a ordem de Jesus, deseja pô-lo de parte para a pregação do Evangelho; não queremos que seja só um acto solene, queremos também pedir a bênção de Deus para todos nós. Quando se fizer a imposição das mãos sobre o Irmão Daniel da Silva, que seja como no tempo dos Apóstolos, quando o Espírito Santo disse: Apartai-me a Barnabé e a Paulo para a obra a que os tenho chamado; então a Igreja, depois de orar, impôs-lhes as mãos e foram pregar a boa nova. É o momento mais impressionante da vida dum pregador. Devemos compreender o que o Senhor requer de nós, quer da parte do novo Pastor, quer dos que já recebemos e imposição das mãos, há mais tempo. As Epístolas de Paulo a Timóteo e a Tito são um verdadeiro manual de conselhos; recomendo ao novo Pastor a leitura destas Epístolas, nas quais o apóstolo Paulo fala do ministério do pastor e dos seus deveres para com

a Igreja. Atente para II Timóteo 1:7: «Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e de moderação». Paulo estava preso. Põe aqui em evidência três coisas, a saber:

1.º A certeza da sua salvação; 2.º A certeza da sua vocação da parte de Deus; 3.º A compreensão da sua missão. Certo da sua salvação e da sua vocação, sabia que devia progredir; por isso diz aos Filipenses: «não que já seja perfeito, mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Jesus Cristo». Paulo tinha convicção de que, apesar dos seus defeitos, estava salvo. É esta certeza que também deve existir no nosso coração. Esta mesma convicção deve ter o Irmão Daniel da Silva e transmitir a mesma convicção aos outros; não poderemos transmitir aos outros o que nós mesmos não tivermos.

Consideremos a segunda etapa: Deus também nos chamou para uma santa vocação; tal é o carácter da vocação que nos foi dirigida. A nossa vida deve ser o reflexo desta vocação: corresponde ao chamado de Deus, que nos foi dirigido por Jesus. Gosto de ler em João 15:16: «Não Me escolhestes vós a Mim, mas Eu vos escolhi a vós». Eis a plena convicção que deve existir na vida do pastor. Esta extraordinária revelação de Deus é para um futuro glorioso. «Chamei-vos para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça». Pode ser um homem a chamar-nos, mas é Deus quem está atrás desse homem, é Deus quem chama, como diz em Jeremias 1:5. Deus chama e prepara a vida do homem. Qual é o objectivo de tal chamado? «Para dardes frutos». É o mais importante. O ministério deve ser cheio de frutos (João 15:16). Daí frutos, não para a glória dos homens, mas para a glória de Deus, que será glorificado não só pela qualidade dos



O Pastor Tito Falcão canta um solo

frutos, mas também pela quantidade.

Gosto da parábola da semente lançada à terra e dos resultados tão diferentes em cada uma das circunstâncias do terreno em que caiu. A que caiu em mau terreno não frutificou, retratando as preocupações da vida, as angústias, a sedução das riquezas e tantas outras coisas. A que cai em boa terra dá fruto a sessenta e oitenta por cento. É esta a alegria do pregador. Deus também se alegra quando há abundância de frutos. Lemos em João 15:5 «... quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto». O segredo do êxito consiste em permanecer unido à fonte do fruto. Jesus diz ainda que os frutos permanecem. Infelizmente, temos de contar com o trabalho de Satanás que nestes últimos anos causou 320 mil apostasias. É que os frutos não são como Jesus desejava. Devemos procurar descobrir a causa que não permite que os frutos permaneçam. Temos de saber se realmente estavam ligados ao tronco. Se dermos fruto, esse fruto será permanente. Temos necessidade do poder do Espírito Santo que Deus deseja conceder-nos em grande medida, para não haver limitação no ministério.

Foi Jesus que nos chamou para darmos muito fruto e para que este fruto permaneça. Paulo diz que Deus nos chamou para darmos fruto pela graça de Deus. Eis o privilégio do pregador: anunciar ao mundo a destruição do pecado e da morte e apresentar a vida eterna. Paulo diz que foi encarregado de ser pregador, apóstolo e mestre — os cargos para que somos chamados. I Pedro 2:9 diz que somos a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido para anunciarmos as virtudes d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. E na II Timóteo 4:1, 2 o Apóstolo conjura a que preguemos a palavra, instemos a tempo e fora de tempo... com toda a lon-

ganimidade e doutrina. Os homens quererão coisas novas. Estamos nestes dias em que os homens seguem doutrinas novas, até mesmo nas nossas igrejas, onde há pessoas que não gostam de ouvir que se lhes fale de Deus e dos Mandamentos. O pregador deve dizer, claramente: tu és pecador. Tais pregadores não são populares, assim como não o são os que dizem aos membros da sua igreja que devem ter uma vida espiritual mais fecunda. Mas terá boa aceitação aquele pregador que prega coisas agradáveis ao ouvido. Diz a Irmã White: «A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que não se comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exacto; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é recto, ainda que os céus caiam». Como poderemos cumprir este ministério? Responde Paulo na II Timóteo 2:15, 16: «... saibas como convém andar na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade». Assim poderemos dizer sempre aos outros o que Deus exige. «Esforça-te por te apresentares a Deus aprovado, como obreiro que não se envergonha, que maneja bem a palavra da verdade. Mas evita os falatórios profanos, porque produzirão maior impiedade.» Pedro diz que o que tem paciência atinge uma boa experiência. Que Deus nos conceda esta paciência para trazermos os pecadores aos pés do Salvador. Não esqueçamos a palavra de Tiago quando diz que «aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados. Este amor e paciência não são dons humanos que nós podemos desenvolver à nossa vontade. Diz-nos a Irmã White que devemos meditar,



O grupo Maranata canta a seguir à cerimónia

todos os dias, pelo menos uma hora diária, sobre a vida de Jesus; só assim poderemos compreender o valor duma alma e teremos a visão da nossa miséria, para sermos homens capazes de realizar o serviço de Deus.

E, agora, uma exortação válida para todos os que já recebemos o pastorado, em I Timóteo 4:14: «Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque fazendo isto te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem».

Que prazer não teremos quando aparecer o Supremo Pastor e Lhe pudermos dizer que ali estamos com os que nos deu e que nenhum deles se perdeu! O Senhor quer que tenhamos esta alegria.

Termino recordando II Tessalonicenses 3:3: «Fiel é o Senhor que vos confortará e guardará do maligno. Não vos canseis de fazer o bem».

Devemos ter a certeza da salvação, testemunhando acerca do nosso chamado e cumprindo-o. Disse, certa vez, um pregador, ao chegar ao fim da sua carreira: «Cansei-me na Obra de Deus, mas não me cansei da Obra de Deus». Que o Senhor nos ajude a mantermo-nos fiéis e a ser bons ganhadores de almas. Amén.

Seguiu-se um solo cantado pelo jovem João Paulo, acompanhado ao piano pela jovem Denice Raymundo.

Seguidamente, o Dr. Sandoval, como patrono do novo ordinando, vai buscar o Obreiro Daniel da Silva, conduzindo-o à tribuna, onde já se encontram todos os Pastores, no activo e jubilados pre-



O momento da imposição das mãos sobre o novo pastor



O Pastor Silva abraça a sua esposa

sentes. Todos ajoelham em torno do ordinando. Faz a oração da consagração o Pastor Ludescher, que, na devida altura, impõe as mãos sobre o candidato, estabelecendo-se uma intercomunicação entre todos os pastores, mediante o contacto em cadeia, da imposição das mãos. Momento sobremaneira solene e de recolhimento. Terminada a cerimónia da consagração do Obreiro Daniel da Silva ao pastorado, todos se levantam. Seguem-se os cumprimentos oficiais e saudações. O pastor Juvenal exorta o novo Pastor a recordar-se de que acaba de ser constituído como atalaia na Casa de Israel. Abraça-o, seguidamente, em nome da União Sul-Europeia. Segue-se o Pastor A. Baião, Presidente da Associação Portuguesa que, em seu nome pessoal e da mesma Associação, felicita o novo pastor.

Este recebe depois as felicitações dos colegas presentes na tribuna, traduzidas em fraternais abraços. O Pastor Samuel Reis oferece-lhe uma Bíblia em nome da Publicadora.

Novamente o Pastor Baião volta a falar para saudar a esposa do novo pastor, a quem é oferecido um lindo ramo de flores; o esposo abraça-a, comovidamente.

Seguidamente o grupo «Maranata» canta o solene hino «Tudo entregarei», num inspirado arranjo de polifonia clássica.

Seguidamente, o Dr. Sandoval, como patrono do novo pastor, convida-o a aproximar-se do microfone. O Pastor Daniel Silva lê Lucas 5:5. Está ostensivamente comovido, com a voz embargada pelas lágrimas que a custo procura refrear. **«Também eu — prossegue — quero responder ao Mestre que, sobre a sua palavra, lançarei a rede».** Prossegue dizendo que por si

mesmo nada poderá fazer, mas que conta unicamente com o Salvador. **«Sou chamado — continua — a ser pescador de almas. Procurarei com a ajuda de Deus cumprir este meu dever. Quero agradecer aos que me deram a conhecer à Igreja Adventista. Não posso deixar de recordar o meu pai que me iniciou e aos meus outros sete irmãos no conhecimento de Deus, em Coimbra. Tive de travar duras lutas para entrar e depois frequentar o Curso Bíblico de Lisboa. A «república» em que vivi em Lisboa é testemunha das dificuldades que tive de defrontar. Seguí, depois, para Collonges. A minha vida académica foi difícil, mas com a ajuda divina consegui chegar ao fim. Vivi com a divisa que, jubilosamente, vim encontrar nesta abençoada Assembleia: «Prepara-te! Cristo Vem», lema final da minha classe de finalistas de Collonges. Irmãos! Preparemo-nos para a Vinda de Jesus. Que o Senhor me abençoe para poder realizar a Sua obra. Quero agora agradecer, em primeiro lugar a Deus e, depois, a três mulheres, o que lhes devo para ter chegado a este momento. A primeira dessas mulheres foi a minha mãe; a segunda a Irmã White, que, através dos seus escritos, me falou de modo a eu poder compreender melhor a luz maior, que é a Palavra de Deus; a terceira é a minha esposa, a companheira dedicada que tanto me ajudou a chegar até este momento. A minha ambição é a de que os nossos dois filhos venham a ser futuros pastores, de modo a continuarem a obra de Deus e ganharem muitas almas para o Reino Eterno. Irmãos! Preparemo-nos, pois Cristo vem!»**

A sessão terminou com o hino «Minha Entrega».

A última oração foi proferida pelo Pastor J. Dias.



Visivelmente comovido, o Pastor Silva dá o seu testemunho

Sábado à Noite

REUNIÃO CULTURAL M. V.

As 21 horas teve lugar a anunciada Reunião Cultural dos M. V.

Programa apresentado por jovens das várias igrejas e oferecido aos delegados à Assembleia da Associação Portuguesa. Foi dirigido pelo Pastor J. Morgado, departamental dos M. V. A oração inicial foi proferida pelo jovem Manuel Vieira.

Seguidamente, os jovens da Igreja de Alvalade apresentaram um coro: «Quero dedicar-me a Ti».

Os jovens de Odivelas apresentaram, depois, uma peça musical executada ao piano pela jovem Raquel Ramos.

Seguidamente, fizeram-se ouvir dois coros acompanhados a guitarra, intitulados «Vem Achar em Jesus» e «Achei um Bom Amigo».

Os juvenzinhos Reis «Arautos de Israel», da Igreja Central de Lisboa, tocaram o coro «Pescadores de Homens», em acordes de guitarra e harmonia.

A jovem Ana Maria Echevarria, da Igreja de Vila do Conde, cantou, em seguida, um solo intitulado «Veio Jesus a Este Mundo Vil».

Os jovens da Igreja da Amadora, Tony Cottin, António Amado e Laurinda Realinho apresentaram, em seguida, uma resenha sobre a traição, julgamento, morte, sepultura e ressurreição de Jesus, que incluía várias poesias e cânticos.

Seguiu-se um número dos jovens da Igreja de Lisboa, que cantaram um coro «Rei Triunfante».

Os jovens da Igreja do Barreiro cantaram, depois, três coros e um solo, com harmónio e instrumentos de corda.

Seguidamente, a jovem Eunice de Almeida cantou um solo intitulado «Esplêndida Alvorada», acompanhada ao piano pela jovem Denice Raymundo.

Os jovens de Almada apresentaram um coro e duas poesias.

Em seguida o Grupo «Maranata», da Igreja Central, cantou dois hinos.

O jovem José Augusto Canadas, da Igreja de Canelas, cantou e tocou à guitarra dois hinos: «Amanhã é Sábado» e «Jesus Subiu ao Monte para Orar».

A jovem Augusta Brito, representando a Igreja Central, recitou uma poesia.

Uma família alemã, de visita entre nós, cantou um hino, em alemão, acompanhado ao órgão por um elemento da mesma família.

Finalmente, os jovens da Igreja de General Rôçadas fecharam o programa desta noite, cantando, em coro e acompanhados à guitarra, dois hinos intitulados «Impulso para a Vida Eterna» e «Vou Seguir a Cristo».

A oração final foi feita pela jovem Marília.

ALGUMAS DAS REPRESENTAÇÕES QUE COLABORARAM NA REUNIÃO CULTURAL M. V.



Igreja de Lisboa



Igreja de Almada



Igreja da Amadora



Igreja Central



Igreja de Cascais



Igreja de Odivelas



Igreja de Alvalade



Igreja da General Roçadas



Igreja do Barreiro

Domingo, 18 de Julho, 9 h.

Culto Matinal, pelo Pastor E. Cupertino

Das 8.45 às 9 horas, o período de cânticos foi dirigido pelo Pastor T. Falcão. Às 9 horas ocupou a tribuna o Pastor E. Cupertino, que tinha a seu cargo o Culto Matinal, o qual foi trazido pelo Pastor Gameiro.

«Chegámos ao último dia da nossa Assembleia. Em Mateus 24, Jesus fala-nos largamente dos sinais dos tempos exortando-nos a tornarmo-nos conscientes deles, pois foram-nos dados para anunciar a proximidade da Volta de Jesus. A esperança deste regresso é fundada sobre a certeza das promessas de Jesus e pelo desenrolar dos acontecimentos que confirmam essas mesmas provas. Podemos estabelecer os seguintes pontos básicos:

1.º — O Movimento Adventista apareceu no tempo determinado por Deus, Apocalipse 10 indica que tal Movimento surgiria quando o livro de Daniel fosse conhecido e compreendido, no Mundo. De início não foi este o nome do Movimento Adventista, pois veio, depois, a nascer, como consequência da esperança na Volta de Jesus. No citado capítulo 10 de Apocalipse fala-se do «livrinho» que um anjo tinha aberto na sua mão. Este anjo jurá, pelo Deus dos céus, que não haverá mais tempo. Estamos, portanto, no último período profético, em cujo fim terá começo o reino eterno de Deus e a destruição dos reinos terrenos. Paulo, em Efésios 1:9, diz-nos que Deus nos descobre o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito que propusera em Si mesmo. E qual é, pois, esse mistério da vontade de Deus? É o de reunir todas as coisas em Cristo, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra (v. 10). Portanto, o apóstolo recorda neste passo que nos encontramos à beira do cumprimento deste mistério, que se deverá cumprir depois de uma pregação com poder, neste mundo, de acordo com o que temos em Apocalipse 10:12. Tal é, prezados Irmãos, o dever deste povo que sabe que não há mais tempo e, por isso, deve preparar um povo para a Vinda do Senhor. Jesus situa-se entre os dois Testamentos. Se é certo que durante os quatro séculos que precederam a 1.ª Vinda de Jesus, não houve nenhum profeta, também é certo que havia os escritos dos profetas anteriores àquele período de tempo, de modo que esses escritos podiam e deviam ter mantido viva a esperança do Advento, do primeiro Advento de Jesus.

2.º — O Mundo que então esperava Jesus no seu primeiro Advento, estava cansado com uma religião formalista que lhe era facultada pela Igreja oficial. Em Mateus 15:2 lemos a pergunta que os fariseus fizeram a Jesus: «Porque transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos, pois não lavam as mãos, quando comem pão? Jesus pergunta-lhes, por sua vez, porque é que eles transgridem o mandamento de Deus pelas suas tradições; e acrescenta: «Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim», citando Isaías 29:13. Tal era a situação no tempo de Jesus: homens que adoravam só com os lábios, só de boca, e com a alma vazia; estavam cansados deste formalismo.

3.ª característica: Eram poucos aqueles que esperavam a primeira Vinda de Jesus. A Irmã White fala de um pequeno grupo de pastores que pensavam no Messias e meditavam na sua próxima vinda. Lucas 2:25 fala do justo Simeão, que esperava a consolação de Israel, e também fala da profetisa Ana que não se afastava do Templo. Eram poucos, muito poucos os que então esperavam o Messias. Não O aguardavam aqueles que tinham recebido os oráculos, os sacerdotes, os levitas, contrariamente ao que seria de esperar.

4.º ponto: Os poucos que esperavam a Vinda de Jesus caracterizavam-se pela sua fidelidade aos Mandamentos de Deus, pela sua vida modesta e temperante que era uma constante censura à vida dos outros. Aquele que devia anunciar a Vinda do Cordeiro de Deus, João Baptista, seria, conforme Lucas 1:15, «grande diante do Senhor e não beberia vinho nem bebida forte, e seria cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe». Aqui temos a nota característica da temperança na vida de João Baptista, assim como dos outros que esperavam a Vinda do Messias.

Vejam, agora, o que se passa com a Segunda Vinda de Jesus. Depois de dezasseis séculos, também não há profetas; mas há os escritos de todos os profetas precedentes, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Temos as profecias que dão força e coragem aos filhos de Deus. Temos de nos apoiar nestes escritos proféticos para sabermos distinguir os tempos que estão à nossa frente, tal como outrora, por ocasião da primeira Vinda de Jesus. Também a Igreja do Novo Testamento foi substituindo, paulatinamente, as verdades de Deus pelas tradições humanas. Também hoje os homens esperam algo que os possa confortar. Apocalipse 12 fala-nos da ira do dragão contra a mulher e da guerra que

o mesmo dragão foi fazer ao resto da semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.

5.º — Outra característica dos que aguardam a Volta de Jesus é a prática da temperança para o corpo, a fim de que este possa ser cheio do Espírito Santo. É maravilhosa a repetição da História. Quando falamos na Volta do Senhor, há pessoas que se riem. Quando dizemos que o mundo vai acabar, tais pessoas respondem, precisamente, como já no tempo do apóstolo Pedro certos escarnecedores haviam dito: «Onde está a promessa da Sua Vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação» (II Pedro 3:4). Mais uma vez temos a confirmação da palavra profética, em que nestes nossos dias os escarnecedores apresentam as suas zombarias, alegando que o mundo acaba para os que morrem e que tudo vai continuando na mesma. Se não estivéssemos nos últimos tempos — em face destas zombarias — então o apóstolo Pedro ter-se-ia enganado.

Penso, porém, que a ideia de que Jesus se atrase na Sua Vinda gloriosa pode entrar dentro da Igreja de Deus. Lemos em Ezequiel 10:12: «Que ditado é este que vós tendes na terra de Israel, dizendo: Prolongar-se-ão os dias e parecerá toda a visão?» E no versículo 25 lemos que a palavra do Senhor se cumprirá. Efectivamente cumpriu-se nos tempos de Ezequiel e cumprirá-se, também, nos nossos tempos. Diz a Irmã White que muitos serão surpreendidos quando Jesus vier, pois, como Ele próprio declara, virá, de noite, como um ladrão, à hora em que não cuidamos. O ladrão não manda nenhum cartão de visita a anunciar que vai assaltar a casa. Recordo que certa vez, em África, nos deitámos tarde, num campo de evangelização. Deixámos a roupa no terraço, a enxugar; dormimos no primeiro andar. Às três da manhã, quando nos levantámos, verificámos com surpresa que nos tinham roubado os fatos; uma escada encostada à parede mostrava como o ladrão havia assaltado o terraço. Em I Tessalonicenses 5:2 lemos que o dia do Senhor virá como um ladrão. O ladrão não avisa acerca do dia nem da hora. Temos as profecias que nos indicam o tempo — precisamente, este nosso tempo em que vivemos. Temos demasiada luz e podemos correr o risco de ficarmos ofuscados. A Irmã White diz em Testemunhos 3, p. 397, que Deus empregará os meios para mostrar que tem o governo das coisas e para suscitar o cumprimento das mesmas; seremos surpreendidos pelo cumprimento das obras de Deus.

O Senhor está para pôr fim à História deste mundo. Temos consciência disto mesmo, nesta sociedade de consumo, e dos perigos que isso gera? Estamos nós atentos a toda esta depressão social? Discernimos os sinais, os sinais do tempo? Muita coisa impositiva existe no meio do povo de

Deus, dificultando-nos a compreensão exacta da realidade. E porquê? Por falta de consagração, unida ao desejo e à falta de zelo. Perante as promessas que temos, não devemos nós tomar a firme resolução de abandonar o mundanismo e consagrarmos-nos à realização da Obra do Senhor? Se continuarmos a viver na incredulidade, seremos surpreendidos pela Volta inesperada de Jesus.

Sabemos como Jesus chorou sobre Jerusalém, a cidade que não soube conhecer os tempos da Sua Vinda, do Seu primeiro Advento. Possamos nós conhecer estes nossos tempos que nos apontam para a Volta iminente do Salvador. Possamos nós conhecê-los para não sermos surpreendidos e para nos alegrarmos com a Volta de Jesus. E temos toda a razão para isso, pois conhecemos o tempo e o cumprimento das profecias, Irmãos! Preparemo-nos, pois o Senhor vem!

Seguiu-se um período dedicado à oração; o Pastor Diogo propôs que todos os presentes dessem as mãos, formando uma cadeia que poderia tomar a forma de um coração, desde a tribuna através de toda a sala.

Assim se fez.

A reunião terminou com o hino «O Dia Eu Não Sei».

Seguiu-se a apresentação de Relatórios departamentais e das Comissões da Assembleia.

O Pastor J. Dias tomou a palavra para explicar o que era a Mordomia. Salientou que o mordomo é aquele que administra os bens do proprietário, do senhor, e que o termo «mordomia» não se refere, unicamente, à administração do dinheiro. Todos somos mordomos de Deus, isto é, administradores da graça de Deus, dos bens que Ele nos concede; em primeiro lugar somos testemunhas do Evangelho; depois, somos administradores dos talentos que Deus nos concedeu: uns têm o talento de pregar, outros o de ensinar, de cuidar dos doentes, da reforma da saúde, etc. Vai-me ajudar na minha explicação — prosseguiu o Pastor Dias — o material preparado pelo Pastor Folkenberg: «O Tesouro de Deus». Mostrou então uma linda caixa de papelão, imitando um cofre. Mostrou, depois, as folhas que, devidamente recortadas, fornecerão as fichas competentes que se guardarão na caixa. As fichas contêm pensamentos extraídos da Bíblia e do Espírito de Profecia. São verdadeiras gemas que nos ajudarão a compreender a Mordomia. Compreendendo que tudo vem de Deus, a questão relacionada com o dinheiro flui como consequência lógica, natural.

O Presidente da Associação Portuguesa, Pastor Baião, propõe a aprovação do Plano da Mordomia. É aprovado.

Acrescentou o Pastor Baião que o Pastor Ludescher vai falar para se despedir dos irmãos, pois tem de partir

imediatamente. O Pastor Ludescher diz que se sentiu feliz durante os dias que passou com os Irmãos, tendo apreciado o espírito fraternal que reinou, tanto na Convenção dos Obreiros, anteriormente realizada, como durante os dias da Assembleia. Acrescentou que espera poder voltar a Portugal para visitar diferentes igrejas, pois interessam-lhe os contactos com as igrejas. «Que Deus vos abençoe — prosseguiu — e vos conceda bom êxito nos vossos trabalhos na Obra do Senhor. Seguirei para a Bulgária e para a Roménia, e de boa vontade levarei para os nossos irmãos daqueles países as vossas saudações.»

Todos os assistentes se manifestaram no sentido de o Pastor Ludescher ser portador das saudações portuguesas para os irmãos romenos e búlgaros. A assistência levantou-se, acenando-lhe com as mãos, quando desceu a coxa para sair.

O Pastor Dias voltou a aproximar-se do microfone para apresentar o Relatório do Departamento da Educação.

Houve várias intervenções acerca da possibilidade de se abrirem escolas de igreja.

O Presidente da Associação respondeu que o movimento deve partir da igreja interessada, estudando as suas possibilidades, pois não basta haver o elemento humano, a massa humana, os alunos. Depois os casos serão estudados pela Associação.

Aproxima-se, depois, do microfone o Pastor J. M. de Matos, presidente da Comissão de Planos e Resoluções, que apresenta a primeira parte do seu Relatório, por intermédio da Secretária da mesma Comissão, Dr.^a Eunice Dias. Depois de aprovada esta parte, a Comissão voltou a reunir-se para prosseguir os trabalhos.

O Pastor Folkenberg felicitou os Irmãos pelo interesse que demonstraram pela Educação. Depois de se referir à importância da escola de igreja, acrescentou que a Divisão Euro-Africana muito recomenda a criação de tais escolas, sem contudo substituírem a dos pais. Terminou dirigindo um vibrante apelo para que todos adquiram os livros da Irmã White relativos à Educação Cristã.

Seguidamente, o Pastor Baião apresentou o Relatório da Voz da Esperança. «Tanto a Rádio como a TV — principiou por dizer o Pastor Baião — são postos que os políticos ambicionam dominar. Como todos sabemos, os programas religiosos sofreram grandes dificuldades após o 25 de Abril. Tive encontros com oficiais do exército e com outros trabalhadores; foi a primeira vez que vi as igrejas protestantes de acordo para pôr na Rádio os programas religiosos. Durante algum tempo não houve emissões religiosas. Os dirigentes oficiais queriam conhecer antecipadamente os textos e fazerem as gravações. Disse-lhes que não podíamos trabalhar assim e acrescentei que tenho ouvido coisas

incríveis, na Rádio e na TV, da parte até de Ministros de Estado. Felizmente continuamos a fazer os nossos textos e a gravá-los. Alguns irmãos queixam-se de que ouvem mal os nossos programas. O problema foi resolvido; já ouvi em Portalegre, também de viagem para uma reunião no Viameiro e sempre em boas condições de recepção, apesar de ser num aparelho instalado no automóvel. A Igreja tem de fazer propaganda das nossas emissões. Nas nossas emissões já abordámos todo o plano doutrinário da Igreja Adventista. O Pastor Graça conseguiu contactos para emissões no Caramulo. Neste momento o número de ouvintes deve ter baixado, a julgar pela diminuição de pedidos dos resumos das palestras radiodifundidas. Supomos que tal diminuição seja devida às mudanças dos nomes das Estações Emissoras. Presentemente estamos a emitir os nossos programas pelo Programa 3 (local), no comprimento de onda de 188 metros, mais ou menos no mesmo ponto de sintonização da antiga Rádio-Graça.

Levantou-se, depois, a questão se seria preferível identificar a Voz da Esperança, dizendo que era da Igreja Adventista. Foi dito que algumas Denominações — citaram-se as Testemunhas de Jeová — declaram que a Voz da Esperança lhes pertence. Houve troca de impressões a tal respeito, estando todos de acordo em que a Voz da Esperança penetra em muitos lares e abre muitas portas à Mensagem que, dificilmente entraria por outros meios. Ficou assente que se faria uma experiência, durante algum tempo — um ano — anunciando-se que a Voz da Esperança é patrocinada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Regressando a Comissão de Planos e Resoluções, foi apresentado pelo Pastor J. M. de Matos o final do Relatório que foi aprovado e se encontra publicado nesta revista, na página 22.

O Presidente da Associação, Pastor Baião, propôs que fosse aprovado um voto de acção de graças pelos benefícios que Deus havia concedido com a orientação e inspiração dos trabalhos da Assembleia. Aprovado e votado por unanimidade.

Também o Pastor Ribeiro propôs que se enviasse um telegrama de saudações ao novo Presidente da República.

O Pastor Cupertino aprovou dizendo que o mesmo se fazia em tais circunstâncias noutros países. O texto do telegrama encontra-se nesta revista na pág. 27.

O Pastor Cupertino tomou a palavra para encerrar a sessão, manifestando o seu apreço a todos os presentes pela maneira como decorreram os trabalhos. Salientou, sobretudo, o espírito cristão e de compreensão que reinou entre todos os delegados. Fez votos para que todas as decisões e recomendações possam ser postas em prática o mais rapidamente possível, e que tal facto contribua para o progresso da Obra de Deus em Portugal.

RELATÓRIOS DAS COMISSÕES REGULARES DA ASSEMBLEIA

PROPOSTA DA COMISSÃO DE NOMEAÇÕES

A COMISSÃO DE NOMEAÇÕES, composta pelo seu presidente, Eliseu Cupertino, e por Pedro Brito Ribeiro, Valter Miguel, Maria Augusta Pires, Abílio Echevarria, Virgílio Faustino, João Luís Beato, José Fonseca e Daniel Cabral, propôs aos delegados a seguinte lista, a qual foi por eles aprovada para o próximo triénio:

OFICIAIS EXECUTIVOS DA ASSOCIAÇÃO

Presidente — António Simões Lopes Baião
Secretário-Tesoureiro — João Emílio Belo dos Santos

DEPARTAMENTOS

Escola Sabatina — João Emílio Belo dos Santos
Actividades Leigas — José Sandoval Velosa Melim
Temperança — José Sandoval Velosa Melim
Publicações — Arnaldo Martins
Missionários Voluntários — Joaquim Alegria Morgado
Comunicações — Joaquim Alegria Morgado
Liberdade Religiosa — Joaquim Alegria Morgado
Associação Pastoral — António Simões Lopes Baião
Educação — Joaquim Dias de Oliveira Grilo
Mordomia — Joaquim Dias de Oliveira Grilo

CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO

António Simões Lopes Baião — Presidente
João Emílio Belo dos Santos — Secretário-Tesoureiro
José Sandoval Melim — Departamental
Joaquim Alegria Morgado — Departamental
Joaquim Dias de Oliveira Grilo — Departamental
Manuel Joaquim Dias Laranjeira — Pastor de Igreja
Arnaldo Martins * — Departamento de Publicações
Samuel José Ferreira dos Reis * — Director da Publicadora
Jorge Emanuel Pires — Membro Leigo
José Fonseca — Membro Leigo

(*) O Secretário do Departamento de Publicações e o Director da Casa Publicadora alternarão anualmente a sua presença neste Conselho.

PROPOSTA DA COMISSÃO DE PLANOS E RESOLUÇÕES

A COMISSÃO DE PLANOS E RESOLUÇÕES, composta pelo seu presidente, José Manuel de Matos, e por Joaquim Morgado, Benito Raymundo, Arnaldo Martins, Eunice Dias, Samuel Reis, Eduardo Rosa de Sousa, Maria Amélia Narciso, Nazaré Raposo, José Cidra Moura, Judite Mendes, Inocêncio da Silva, Rogério Paulo Nóbrega, Ana Maria Fernandes, Paulo Tito Falcão, Vítor Alves, José Manuel Ferreira, Sebastião Alves, Joaquim Henriques Rego e Vicente Ramalho, propôs aos delegados as seguintes recomendações que foram por eles aprovadas:

ABERTURA DE NOVOS CENTROS DE EVANGELIZAÇÃO

Considerando que devemos fazer todos os esforços para a maior expansão do Evangelho nos grandes centros populacionais:

Recomendamos

1. Que as igrejas já existentes com grande número de membros, se desdobrem em novas salas espalhadas nas diferentes zonas das respectivas cidades.
2. Que se promova a abertura de centros de Evangelização e novas igrejas nos locais onde ainda não se encontra estabelecida a Igreja Adventista.

ACTIVIDADES LEIGAS

Considerando que os membros leigos são o sangue vivo da Igreja na expansão do Evangelho:

Recomendamos

1. Que se façam cursos regionais para preparação de pregadores leigos sob a égide do respectivo Departamento.
2. Que os ministros preparem as igrejas para serem independentes e passem depois a novos campos, de acordo com o plano pré-estabelecido para evangelização total do distrito em que se encontrem.
3. Que se procure prestar assistência aos irmãos regressados do Ultramar.

ESCOLA SABATINA

Considerando que a Escola Sabatina é a base na formação doutrinária das nossas igrejas:

Recomendamos

1. Que se organizem cursos de dirigentes e professores da Escola Sabatina para todos os níveis. Que os monitores das classes de juvenis se recrutem, tanto quanto possível, entre os elementos do sexo masculino, conforme nos é aconselhado no Espírito de Profecia.
2. Que se intensifique as Escolas Sabatinas Infantis e Escolas Cristãs de Férias.
3. Que se torne a Escola Sabatina extensiva a centros exteriores à Igreja, como infantários, escolas, etc.
4. Que se mantenha o princípio da Escola Sabatina a funcionar no sistema de dinâmica de grupo, por classes, conforme conselho do Espírito de Profecia.

LIBERDADE RELIGIOSA

Considerando os momentos que vivemos de abertura à liberdade religiosa no nosso país:

Recomendamos

1. Que se organize em Portugal a Delegação da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa.

2. Que logo que o nosso Governo e a Assembleia da República estejam em acção, se renovem as diligências feitas para obter facilidades para os crentes adventistas. Recomenda-se também:

a) Que os pais e alunos escrevam ou contactem com os Deputados dos seus distritos sobre o assunto.

b) Que os irmãos que trabalham em Empresas em que os contratos de trabalho sejam alterados, procurem introduzir o respeito pelo dia de guarda daqueles que não pertencem à Igreja Católica.

3. Que os jovens adventistas aceitem a possibilidade de serem considerados objectores de consciência, procurando cumprir as determinações do Estatuto, prestes a sair, para obtenção desta vantagem, fazendo assim um serviço civil em lugar do serviço militar. Que se faça junto dos jovens o necessário esclarecimento logo que exista o conhecimento do Estatuto.

4. Que se organize uma semana em que sejam ventilados os problemas da Liberdade Religiosa, pedindo a colaboração do Dr. Pierre Lanarès para uma série de Conferências sobre o assunto.

PUBLICAÇÕES

Considerando que a obra das Publicações pode, de uma maneira muito concreta, ajudar a levar a terceira mensagem angélica no nosso país, aos que ainda estão em trevas:

Recomendamos

1. Que se intensifique a preparação de novos volumes, particularmente do Espírito de Profecia, que lancem luz sobre as verdades que estamos incumbidos de pregar ao mundo.

2. Que se procure publicar livros grandes a fim de se incentivar as vendas a prestações.

3. Que se proceda com a maior urgência à publicação de livros dedicados às crianças.

4. Que os colportores colaborem directamente nas campanhas de Evangelização efectuadas nas igrejas.

5. Que se estude a possibilidade da preparação e publicação de folhetos actuais, com gravuras, para distribuição sistemática a todos os lares; que estes folhetos dêem uma vista do conjunto da mensagem adventista, em três níveis — físico, mental e espiritual — tendo em mente, e como tema de fundo, a segunda vinda de Cristo.

ESCOLA BIBLICA POSTAL

Considerando que não estamos aproveitando completamente o trabalho realizado na Escola Bíblica Postal, pela falta de continuação de contactos com os alunos:

Recomendamos

1. Que um dos elementos da direcção da Sociedade Missionária (por exemplo, o Vice-Director) sirva de elemento de ligação e promoção deste trabalho localmente, a fim de manter contacto com os antigos alunos vivendo na área e dinamizando campanhas para recolha de novos alunos.

2. Que se organizem cursos locais, tendo como base o material dos Cursos Bíblicos por correspondência e em que se realizem cerimónias de graduação nas respectivas igrejas.

MISSIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Considerando que através das actividades das igrejas os nossos jovens se podem sentir animados na sua fé, considerando ainda as grandes solicitações que os nossos jovens recebem do mundo:

Recomendamos

1. Que as igrejas estudem os planos para as actividades da juventude, de acordo com o Departamento, com a integração dos jovens em todas as actividades desenvolvidas pelos vários departamentos da igreja.

2. Que se organizem em todas as igrejas:

Clubes de Tições para jovens dos 8 aos 12 anos;

Clubes de Desbravadores para os jovens dos 13 aos 16 anos;

Clubes da Natureza e Bíblicos para os jovens dos 17 anos em diante.

3. Que se organizem Seminários Bíblicos, a nível Regional, a fim de reunir jovens que queiram aprofundar certos pontos de doutrina e que seriam um complemento dos Clubes Bíblicos locais.

4. Considerando que os grupos musicais podem ser um meio extraordinário de Evangelização, considerando ainda os desvios que se está notando já nos propósitos de alguns desses grupos:

Recomendamos

a) Que os grupos musicais estejam integrados nas Sociedades de Jovens.

b) Que se procure orientar esses grupos, tendo em vista:

I. O testemunho individual de cada um dos seus componentes.

II. Os instrumentos e música apresentados.

III. A sua apresentação em público (vestuário, pinturas, etc.).

IV. O ritmo da música que apresentam.

V. As letras dessa música que devem estar de acordo com a mensagem que proclamamos.

VI. Que se estude uma comissão formada por elementos firmes nos princípios denominacionais e com conhecimentos musicais, que possa orientar os jovens e as igrejas neste domínio, sendo organizada e dirigida pelo Secretário do Departamento da Juventude.

VII. Que se publiquem as recomendações emanadas da Conferência Geral e que se distribuam às igrejas para que possa chegar a todos os membros um exemplar, a fim de que todos tenham conhecimento destas directrizes.

5. Que se realizem nas igrejas, a nível regional, programas de «A Voz da Mocidade».

6. Que se realizem regularmente reuniões com os dirigentes M.V. de cada região, a que chamaríamos: Comité Consultivo M.V.

7. Que um Comité Consultivo Nacional se reúna uma vez por ano, para fazer planos para o ano seguinte.

8. Que se realize uma viagem de estudo à Palestina em Junho do próximo ano (1977).

9. Que as igrejas providenciem salas de convívio para a Juventude.

10. Que nos grandes centros (por exemplo, em Lisboa) se procure organizar centros da juventude com instalações para levar a efeito actividades espirituais, intelectuais e físicas.

11. Que se organize um Acampamento para Adultos, com programa próprio, em que devem colaborar também os Departamentos de Educação e de Actividades Leigas.

12. Que se realizem Convenções de Dirigentes e Cursos de Preparação para Dirigentes de Tições e Desbravadores.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

— Escolas de Igreja:

Considerando a importância da educação cristã na formação e preservação da juventude adventista;

Considerando o impressionante paralelismo das condições actuais nas escolas, com a advertência do Espírito de Profecia de que «planejando acerca da educação

dos filhos, fora do lar, devem os pais compenetrar-se de que não mais é coisa livre de perigo enviá-los às escolas públicas e urge que se esforcem para os enviar às escolas onde obtenham educação baseada em fundamento escriturístico» (Orientação da Criança, pág. 304):

Recomendamos

1. Que nas igrejas onde já existem escolas primárias, se ajude os crentes a ver os vantagens reais da educação cristã e a resolver os problemas impeditivos a fim de que cada filho de adventista em idade da primária seja um aluno da Escola Adventista Local.

2. Que em cada igreja com mais de 40 membros, seja nomeada uma comissão a fim de estudar as possibilidades para a abertura e funcionamento de uma escola primária de igreja.

— Escola Secundária:

Considerando a grande oportunidade de se dispor de um externato adventista na zona do Porto e outro na zona de Lisboa, e a bênção que daí pode advir para os nossos jovens;

Considerando os perigos e as influências negativas a que estão expostos os estudantes adventistas nas escolas públicas:

Recomendamos

1. Que todos os estudantes adventistas das referidas áreas e dos graus de ensino oferecidos nestas escolas, estudem numa das escolas secundárias adventistas.

2. Que seja estudada a possibilidade de construir um internato na escola do Norte para proporcionar educação adventista aos filhos dos crentes dos cursos secundários das outras zonas do país.

3. Que cada jovem adventista passe, pelo menos um ano, numa escola adventista.

4. Que se organizem cursos de educação religiosa para os jovens que tenham ou não a oportunidade de frequentar uma escola Adventista.

— Lar Adventista:

Considerando o valor e a oportunidade da mensagem e dos conselhos contidos no livro «Lar Adventista» e respectivo guia de estudo preparado pela Conferência Geral;

Considerando o grande interesse e grande entusiasmo verificado na experiência piloto do curso «Lar Adventista» para as igrejas da zona de Lisboa:

Recomendamos

1. Que em cada igreja seja organizado o curso «Lar Adventista» que tem como base o livro de E. G. White «Lar Adventista» e como plano de estudo o guia sobre o mesmo livro preparado pela Conferência Geral.

2. Que seja dada continuidade ao referido curso, com base no livro «Orientação da Criança» e respectivo Guia.

DEPARTAMENTO DA MORDOMIA

Considerando as bênçãos experimentadas nas igrejas e na vida dos crentes que adoptaram o plano da mordomia na sua vida;

Considerando a estreita relação e dependência da aplicação do plano da mordomia, tal como está concebido no «Tesouro de Deus», com uma nova experiência cristã, o reavivamento espiritual e a consagração de todo o nosso ser e bens a Deus:

Recomendamos

1. Que o plano da Mordomia seja aplicado e renovado em todas as igrejas sob a orientação do director do Departamento e dos pastores locais.

2. Que, pelo menos um Sábado cada trimestre, seja feito um culto sobre a Mordomia e se entregue a cada crente e jovem uma colecção «O Tesouro de Deus».

DEPARTAMENTO DE TEMPERANÇA

Considerando a necessidade de desenvolver a obra da Temperança:

Recomendamos

1. Dinamizar o Plano de 5 Dias e proporcionar material aos obreiros e leigos a fim de que um maior número de pessoas possa ter possibilidade de realizar o Plano em suas igrejas e comunidades.

2. Acrescentar ao Plano de Cinco Dias, segundo sugestão das Organizações superiores, mais cinco noites sobre saúde conforme será indicado e orientado pelos responsáveis competentes.

3. Fundar o Clube dos Ex-fumadores da Associação Portuguesa para tornar efectivas as conquistas das 5 noites do Plano e levar os ex-fumadores a batalhar connosco contra o hábito de fumar e a manter contactos permanentes com a igreja.

4. Promover, junto às igrejas, cursos sobre o regime alimentar baseados no livro de E. G. White «Conselhos Sobre o Regime Alimentar», acrescentando à teoria a prática para que nossas irmãs possam ter facilitados os caminhos para o vegetarianismo.

5. Promover, através do Campo, concursos sobre a Temperança cristã, para levar os jovens e juvenis a darem a sua participação.

6. Fundar, com a participação dos pastores do Porto, do Funchal e da igreja central de Lisboa, as primeiras escolas da Associação Portuguesa para recuperação de alcoólicos.

— Reforma Pró-Saúde:

Recomendamos

1. Que os ministros sejam os primeiros a dar o exemplo de uma adesão firme e sem rodeios à questão da reforma alimentar preconizada pelo Espírito de Profecia.

2. Que os ministros tomem a peito a educação sistemática dos membros das igrejas nesta questão, promovendo a multiplicação de cursos pró-saúde, incluindo cursos de culinária.

3. Que se estude a possibilidade da criação de uma fábrica de produtos dietéticos.

4. Que se publique por altura da Expansão Missionária livros do Espírito de Profecia que especificamente tratem sobre saúde.

5. Que se estude a possibilidade de se estabelecer um centro de auxílio médico com elementos devidamente formados nos princípios do Espírito de Profecia.

Considerando a necessidade urgente de sustentar o mundanismo que invade as nossas igrejas:

Recomendamos

Que sejam tomadas medidas no sentido de libertar os membros das igrejas do uso de jóias, pinturas, anéis e de modas inconvenientes que em nada honram o nome de Deus.

ACÇÃO DE GRAÇAS

Considerando as múltiplas bênçãos que o Senhor concedeu ao Seu Povo ao longo do triénio findo, em todos os aspectos em que se desenrola a vida da Igreja:

Recomendamos

Que sejam dadas acções de graças e louvor a Deus por tudo o que, sob o Seu beneplácito, se tornou em vitória para a Sua Obra.

Rogamos a Deus que no próximo triénio a Sua Igreja se torne, em acção, um elemento definitivo na conclusão da tarefa que a ela foi confiada.

PROPOSTA DA COMISSÃO DE ESTATUTOS E REGULAMENTOS

A COMISSÃO DE ESTATUTOS E REGULAMENTOS, composta pelo seu presidente, Juvenal Gomes, e por Joaquim Dias, Carlos Esteves, Samuel Grave e Joaquim Mateus, propôs aos delegados, e estes aprovaram, os seguintes

Estatutos da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

PRÓLOGO

A União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, com personalidade jurídica concedida mediante a apresentação dos seus estatutos em 30 de Agosto de 1941 e 18 de Janeiro de 1950 respectivamente no Governo Civil de Lisboa nos termos dos Artigos 449.º e 450.º do Código Administrativo, reunida em Assembleia Geral Ordinária na sua sede em Lisboa, na Rua Joaquim Bonifácio, 17, de 15 a 18 de Julho de 1976, deliberou passar a denominar-se ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, a quem transmite todos os seus direitos e bens móveis e imóveis.

Artigo I

NOME

Esta organização denominar-se-á Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia e está vinculada à Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Artigo II

FINALIDADE

A finalidade desta Associação é de, através das suas igrejas e instituições:

- a) Pregar o evangelho eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.
- b) Estabelecer igrejas e centros evangelísticos, ordenar e coordenar a acção evangelizadora dos seus evangelistas, missionários e pastores.
- c) Colaborar na manutenção da obra missionária mundial.
- d) Estabelecer instituições educacionais e de beneficência, assim como quaisquer outras que o seu desenvolvimento requeira.
- e) Administrar bens móveis e imóveis que possui ou venha a possuir.

Artigo III

TERRITÓRIO

O território desta Associação consistirá de Portugal Metropolitano e Insular.

Artigo IV

MEMBROS

Secção 1. Serão membros desta Associação as igrejas que hajam sido ou venham a ser devidamente organizadas e aceites por voto da Assembleia.

Secção 2. Terão direito a voto nas assembleia desta Associação em sessões regulares ou extraordinárias:

- a) Os delegados devidamente acreditados pelas igrejas organizadas da Associação, na base de um por cada igreja local organizada, mais um por cada 100 membros ou fracção superior a 50. Um pastor ou obreiro da Associação pode ser escolhido como delegado de uma das igrejas do seu distrito e ser designado para membro da comissão preparatória encarregada de nomear as comissões regulares da Assembleia.

b) Todos os membros do Conselho Executivo da Associação.

c) Todos os membros da Conferência Geral, da Divisão Euro-Africana e da União Sul-Europeia que se encontrem presentes em qualquer sessão da Associação.

d) Todos os ministros ordenados e autorizados (de boa e regular conduta que se encontrem ao serviço da Associação), assim como todos os outros obreiros com credencial de missionário acreditado.

e) Os directores de todos os departamentos ou instituições desta Associação.

f) Outras pessoas que sejam recomendadas pelo Conselho Executivo e aceites pelos delegados em sessão; o número de delegados deste modo nomeados não poderá exceder 20 % do número de delegados devidamente acreditados pelas igrejas organizadas.

Artigo V

OFICIAIS E SEUS DEVERES

Secção 1. Os oficiais regulares desta Associação serão: um presidente, um secretário e um tesoureiro. As funções de secretário e de tesoureiro podem ser desempenhadas por uma única pessoa designada como secretário-tesoureiro.

Secção 2. Presidente — O presidente dirigirá as reuniões do Conselho da Associação e velará pelos interesses gerais da mesma, de acordo com o Conselho Executivo.

Secção 3. Secretário — Serão deveres do secretário conservar as minutas das sessões da Assembleia e do Conselho da Associação, reunir todos os dados e informações que possam ser solicitados pelo presidente da Associação e desempenhar-se de outras obrigações que sejam inerentes à sua função.

Secção 4. a) Tesoureiro — Serão deveres do tesoureiro receber todos os fundos, despendê-los de harmonia com os votos do Conselho Executivo, verificar os livros dos tesoureiros das igrejas locais pelo menos uma vez cada ano, e apresentar periodicamente relatórios financeiros com a frequência que seja desejada pelo presidente ou pelo Conselho da Associação. Quando se manifeste a impossibilidade de o tesoureiro verificar pessoalmente os livros das igrejas locais, o Conselho deverá resolver com ele a maneira de lhe proporcionar a ajuda necessária.

b) As contas bancárias desta Associação, aprovadas pelo seu Conselho, serão movimentadas pelo tesoureiro ou pelo presidente ou por outros indivíduos que para isso hajam sido autorizados pelo Conselho da Associação.

Secção 5. O presidente e o secretário-tesoureiro representarão em todos os actos judiciais ou extra-judiciais a Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia. Estes membros poderão delegar os seus poderes em terceiros quando autorizados pelo Conselho Executivo.

Secção 6. Todos os oficiais da Associação e todos os outros membros do Conselho executivo e directores de todos os departamentos serão eleitos pela Associação em sessões regulares e conservarão os seus mandatos pelo período de três anos ou até que sejam nomeados os seus sucessores e que estes se apresentem a tomar conta dos seus cargos.

Artigo VI

CONSELHO EXECUTIVO E SUAS FUNÇÕES

Secção 1. O presidente será membro ex-officio e igualmente presidente deste Conselho e o secretário-tesoureiro será o secretário.

Secção 2. Durante os intervalos entre as sessões da Assembleia da Associação o Conselho Executivo da mesma terá poder administrativo para resolver todos os assuntos referentes à gestão desta Associação, salientando-se os seguintes:

a) Conceder e retirar credenciais e autorizações e preencher todas as vagas ocorridas por morte, demissão ou outras causas, nas funções que hajam sido atribuídas por eleição aquando da Assembleia da Associação.

b) Estudar as necessidades materiais, técnicas e espirituais da obra adventista dentro desta Associação e procurar remediá-las.

c) Dirigir o pessoal da Associação e todos os assuntos de ordem interna ou externa com ela relacionados.

d) Comprar e vender móveis ou imóveis que sejam necessários ou desnecessários às actividades desta Associação.

e) Nomear os Conselhos Directores de todas as instituições dependentes desta Associação.

Secção 3. Podem ser convocadas reuniões do Conselho Executivo da Associação em qualquer momento ou lugar pelo presidente ou, na ausência deste, pelo secretário da Associação ou por três membros do dito Conselho. Em todas as reuniões do Conselho, $\frac{2}{3}$ dos seus membros constituirão um quorum.

Artigo VII

DEPARTAMENTOS, COMISSÕES E INSTITUIÇÕES

Secção 1. A Associação manterá os departamentos que forem estabelecidos por voto da Assembleia em sessões regulares ou extraordinárias, ou ainda pelo Conselho Executivo; empregará os pastores, missionários ou outros colaboradores e fará a sua distribuição como for necessário para levar a efeito o trabalho de forma eficiente.

Secção 2. Todas as Comissões de estudo ou trabalho que forem necessárias ao desenvolvimento de qualquer departamento ou actividade terão de ser autorizadas e eleitas pela Assembleia em sessão ou nomeadas pelo Conselho Executivo.

Secção 3. Instituições podem ser autorizadas e organizadas pela Assembleia em sessão ou pelo Conselho Executivo, quando necessárias para o desenvolvimento desta Associação. Todas elas, no entanto, estão sujeitas à aprovação dos Conselhos Executivos da União e Divisão.

Artigo VIII

ASSEMBLEIAS

Secção 1. Assembleias regulares desta Associação terão lugar trienalmente para a eleição dos oficiais e para tratar de assuntos administrativos relacionados com o bem-estar da Associação em tempo e lugar dentro do território da Associação que o Conselho Executivo entenda designar por notificação no seu órgão oficial — Revista Adventista — com a antecedência de pelo menos 30 dias.

Secção 2. O Conselho da Associação pode convocar assembleias extraordinárias no tempo e lugar que entenda apropriados, mediante notificação semelhante à das assembleias regulares e as decisões de tais sessões extraordinárias terão a mesma força que as regulares.

Secção 3. A eleição dos oficiais e a votação de todos e quaisquer assuntos administrativos será por levantar de mãos, a não ser que outro processo seja pedido por uma maioria dos delegados presentes.

Secção 4. Vinte e cinco delegados presentes constituirão um quorum para que se possam tomar resoluções.

Secção 5. a) As comissões regulares na Assembleia da Associação serão:

- 1) Nomeações
- 2) Planos e Resoluções
- 3) Credenciais e Autorizações
- 4) Estatutos e Regulamentos

b) Estas comissões regulares serão nomeadas por uma comissão preparatória constituída da seguinte maneira:

1) Cada igreja representada pela sua delegação na Assembleia será autorizada a nomear, por meio dos seus delegados ou Conselho, um membro que fará parte desta comissão.

Secção 6. O presidente da Comissão de Nomeações na sessão trienal da Associação será o presidente da União ou, na sua ausência, alguém por ele designado. A Comissão de Nomeações consistirá de 9 a 15 membros.

O presidente, o secretário ou o secretário-tesoureiro e os directores departamentais ou quaisquer outras pessoas cujo termo de serviço expire na altura da Assembleia e deste modo estejam sujeitos a re-eleição, não poderão ser membros da Comissão de Nomeações.

Secção 7. A Comissão de Credenciais e Autorizações será composta por pastores consagrados e de experiência.

Artigo IX

FINANÇAS

Secção 1. Os fundos desta Associação serão:

a) Os dízimos e ofertas de todas as igrejas e membros isolados da Associação.

b) Dotações da União Sul-Europeia ou da Divisão Euro-Africana.

c) Doações especiais.

Secção 2. Os dízimos e todos os outros fundos serão usados e administrados de acordo com os regulamentos financeiros da União Sul-Europeia e da Divisão Euro-Africana dos Adventistas do Sétimo Dia.

Artigo X

PROPRIEDADES

A Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia tornar-se-á, a partir da data da aprovação destes estatutos, a legítima proprietária de todos os bens existentes e registados em nome da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Artigo XI

CONSELHO DE VERIFICAÇÃO

O Conselho de Verificação da Assembleia consistirá dos membros do Conselho Executivo. Se não houver leigos no Conselho executivo, podem ser incluídos 3 e/ou pessoas representando outros sectores da obra denominacional, tais como as instituições. Este Conselho, agindo conjuntamente com um ou mais representantes da União verificará anualmente os salários e despesas de todos os obreiros da Associação e estabelecerá as percentagens de salário para o ano seguinte, de harmonia com a escala de salários prevalecente fixada pela União.

Artigo XII

VERIFICAÇÃO

O verificador da contabilidade desta Associação será o verificador da União Sul-Europeia.

Artigo VIII

ESTATUTOS

Os delegados desta Associação podem elaborar Estatutos, modificá-los ou recusá-los em qualquer sessão da Assembleia.

Artigo XIV

EMENDAS

Estes Estatutos podem ser alterados por 2/3 de votos dos delegados presentes em Assembleia regular ou extraordinária desta Associação. Se tal for o propósito, deve-se indicá-lo na convocação para a Assembleia.

Artigo XV

DISSOLUÇÃO

Secção 1. A dissolução desta Associação pode efectuar-se por $\frac{3}{4}$ de votos dos delegados presentes e votada em qualquer Assembleia regular ou extraordinária da Associação. Se tal for o propósito, deve-se indicá-lo ao fazer a convocação para a Assembleia.

Secção 2. Depois de satisfeitas as reivindicações contra a Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, quaisquer fundos remanescentes deverão ser transferidos para a União Sul-Europeia dos Adventistas do Sétimo Dia.

PROPOSTA DA COMISSÃO DE CREDENCIAIS E AUTORIZAÇÕES

A COMISSÃO DE CREDENCIAIS E AUTORIZAÇÕES, composta pelo seu presidente, E. Ludescher, e por António Baião, José Sandoval Melim, António Maurício e Samuel Reis, propôs aos delegados a seguinte lista que foi por eles aprovada:

PASTORES ACREDITADOS

Abílio António Ferreira Echevarria
Adelino Nunes Diogo
Alberto Narciso Nunes
António Antunes Maurício
António Simões Lopes Baião
Arnaldo Borges Macedo
Artur Abreu de Oliveira
Benito Raymundo
Carlos de Ascensão Esteves
Daniel da Fonseca Simões da Silva
Eduardo Ferreira Graça
Fernando Garcia Mendes
João de Ascensão Esteves
João Emílio Belo dos Santos
João de Mendonça
Joaquim Alegria Morgado
Joaquim Dias de Oliveira Grilo
José Manuel Pereira de Matos
José Sandoval Velosa Melim
Manuel Joaquim Dias Laranjeira
Nanuel Nobre Cordeiro
Paulo Tito dos Reis Vasco Falcão
Samuel José Ferreira dos Reis
Valter Faria Miguel

PASTORES AUTORIZADOS

António Gameiro
Arnaldo Martins
Jacky Chévrier
Joaquim Maria Casaquinha
Manuel Ramos Lobato
Raul Vieira Meneses

MONITORAS BÍBLICAS ACREDITADAS

Judite do Amparo Mendes
Maria Amélia Duarte Pavia Narciso
Maria Augusta Figueiredo Pires

MONITORAS BÍBLICAS AUTORIZADAS

Maria do Carmo Brito

MISSIONÁRIOS ACREDITADOS

David Sousa dos Reis Vasco
Ilda da Conceição Silva Santos
José Nunes Branco Pardal
Lucelinda Marques Godinho

MISSIONÁRIOS AUTORIZADOS

Ana Paula Nunes de Lemos Duarte
Capitolina Teixeira Brazão Grave
Carmen Falcão Sala Mira
Dália Rosa Simões Ferraz Mateus
Eunice Fernandes Mendes Alves
Eunice Velez Raposo Dias Grilo
Gustavo Samuel Brazão Simões
Lina Valador Rosa Costa
Maria Augusta Coelho Santiago Lopes
Maria Edite da Silva Pinheiro
Maria de Fátima Martins Santinho Coelho
Maria da Graça Faria Fernandes Velosa Vieira
Maria Isabel Soares Beato Martins
Maria Ivone Baptista Rodrigues Alho
Maria Júlia de Mendonça Andrade
Maria Manuela Pereira da Câmara

COLPORTORES ACREDITADOS

Abel Mota
Afonso António
Alice Esteves
Álvaro Oliveira
António Dias
António Jesus Ribeiro
António Luís Fernandes
António Miquelino
Arminda Almeida
Clarisse Diogo Ferreira
Domingos Freixo
Elias Mendes Rodrigues
Eurico Dias
Fernando Ferreira

Fernando Marialva
Isaías da Silva
João Delgado
João dos Reis Borges
Lídia Mendes Nery
Luís Coelho Pinto
Manuel Custódio
Manuel Matos
Manuel Mendes
Maria de Lurdes Carvalho
Virgílio Faustino
Zeferino Ferro

COLPORTORES AUTORIZADOS

António Lima
António Perição
Francelina Oliveira
José Pacheco
Marília Martins

TELEGRAMA

enviado a Sua Excelência o General Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa:

Igrejas Adventistas do Sétimo Dia reunidas Assembleia Geral saudam Vossa Excelência com votos maiores bênçãos de Deus repousem sobre nossa querida Pátria, também sobre V. Ex.ª para poderemos percorrer caminhos da prosperidade em liberdade de consciência. Deus guarde V. Ex.ª.

O Presidente

A. Baião

FACTOS E NÚMEROS APRESENTADOS PELO PRESIDENTE NO SEU RELATÓRIO À ASSEMBLEIA

EVANGELIZAÇÃO

Podemos afirmar, sem exagerar, que foi a partir de 1973 que a Obra em Portugal despertou para uma evangelização total. Estabeleceu-se o plano e pôs-se em prática aquilo que viria a chamar-se «Missão 73». Todas as igrejas e obreiros se envolveram em evangelização directa e os resultados foram surpreendentes. Desde então têm-se seguido «Acção 74» e «Acção 75» intercaladas com Semanas de Reavivamento e Colheita.

Assim, em 1973, realizaram-se 24 esforços de evangelização. A média, de fim-de-semana, então realizada, e que dá, na minha opinião, números demasiado elevados, revela o seguinte: estiveram presentes 2 147 membros e 1 558 visitas, mais 796 crianças. Houve, ao todo, 508 decisões de carácter geral; no entanto, algumas delas conduziram ao baptismo.

Em 1974 efectuaram-se 20 campanhas. As médias estabelecidas, também de fim-de-semana, estimaram em 1 841 o número de membros presentes, 979 visitas e 837 crianças. Houve 204 decisões e 46 baptismos durante a Campanha.

Em 1975 houve 23 campanhas com uma média diária de 982 membros, 587 visitas, também diárias, e 406 crianças. Houve 865 decisões, sendo muitas delas para o baptismo, e realizaram-se, ao longo destas campanhas, 93 baptismos.

Além destes esforços, geralmente de 21 dias, fizeram-se dezenas de Semanas de Evangelização dentro do plano das Semanas de Reavivamento e Colheita, que, de igual modo, deram os seus frutos.

AUMENTO DE MEMBROS

Em 1973 esta Associação tinha 3 894 membros e atingiu em Dezembro de 1975 o número de 4 331. No momento em que escrevemos este relatório o seu número cifra-se em 4 538. Os baptismos foram em 1973: 374; em 1974: 296; em 1975: 305. Nota-se, portanto, um aumento razoável do número de membros.

NOVAS IGREJAS E GRUPOS

Dois novas Igrejas foram organizadas e aceites na Associação: a Igreja de Matosinhos, já com mais de 50 membros, e a igreja de Salvaterra de Magos, com cerca de 40. Está neste momento votada a organização da Igreja de Arganil, estuda-se a hipótese de organizar mais dois grupos em Igreja. Estas novas igrejas estão baseadas no princípio da obra leiga.

Regista-se com agrado o desenvolvimento e formação dos grupos da Beira Baixa, de Braga, e ainda um grupo em formação em Portimão. Estes também estão apoiados, em grande medida, sobre o trabalho e dedicação dos nossos queridos irmãos leigos. (A Associação conta no fim do triénio com 36 igrejas organizadas e 24 grupos.)

DEPARTAMENTOS

As actividades departamentais funcionaram todas normalmente, havendo no entanto a salientar alguns departamentos que se distinguiram ao longo destes três anos.

Educação: Aqui constatamos uma vitória extraordinária: as nossas duas escolas secundárias em Lisboa e em Oliveira do Douro. Se a actual política trouxe alguns problemas, também trouxe algumas facilidades e a obra de educação adventista — que durante tantos anos marcou passo — está a conhecer um período de desenvolvimento!

Missionários Voluntários: Diversas actividades tiveram lugar: Acampamentos, manifestações culturais, encontros e tudo o mais que podereis encontrar no respectivo relatório.

Rádio: Temos travado uma batalha para conservar as nossas emissões, pois forças políticas e interesses particulares têm-se levantado contra os nossos programas. Embora suspensos durante certos períodos críticos, eles continuam em Lisboa, no Porto, o Funchal e Açores, e agora também na Estação local do Caramulo.

Cursos Bíblicos: Têm continuado a sua missão, ajudando-nos na conversão e consolidação de muitas almas. Congratulamo-nos com a ideia de que novos cursos estão em preparação.

Actividades Leigas e Temperança: Constitui um dos mais compridos relatórios que vos será fornecido, e é portado elucidativo. Dezenas de Planos para deixar de fumar, Seminários sobre o Alcoolismo, tudo isso faz parte de uma extraordinária actividade destes três últimos anos. Destaque-se, no entanto a assistência prestada aos irmãos e demais pessoas retornadas que recorreram à nossa ajuda. Dezenas de toneladas de roupas e grande quantidade de géneros foram distribuídos.

Publicações: Constitui outro grande êxito da nossa Obra, pois além do trabalho missionário feito pelos nossos bravos companheiros da página impressa, que é realmente extraordinário, vemos um aumento crescente quer no número de colportores, quer nas vendas de livros e revistas. Assim, passou-se de Esc. 2 788 589\$00 em 1973 para 7 442 557\$00 em 1975. Milhares de livros vendidos, revistas, contactos, horas de trabalho, orações feitas, almas já ganhas, e um futuro que só o Senhor conhece!

FINANÇAS

Também aqui houve progressos extraordinários nos nossos dízimos e ofertas. Podemos dizer que em relação ao triénio anterior (1970-1972) os dízimos duplicaram. Foram exactamente 92 % mais. O mesmo aconteceu em relação à Escola Sabatina (103,6 % a mais), sendo também apreciáveis os aumentos nas restantes ofertas.

Esta situação leva-nos a passos largos ao auto-financiamento, e essa foi a razão porque a União e depois a Divisão votaram e aprovaram a nossa passagem de Associação Missão, a Associação, com os deveres e direitos que tal nos confere.

Hoje, setenta e dois anos passados, só podemos ter uma atitude: cair de joelhos e dizer: «Senhor, graças Te damos por aquilo que Te tens dignado fazer ao longo destes anos através de nós, humildes e fracas criaturas. Mas, se for essa a Tua vontade, continua a usar-nos para Tua honra e glória e para o progresso da Tua Obra, neste nosso querido Portugal.»

A. BAIÃO